

PIHÉ

REVISTA LITERÁRIA



EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 3
JUNHO/2021
MUNDO LUSÓFONO





Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Na nossa historiografia literária, há um conflito que parece não dar mostras de perder o fôlego. A partir de quando podemos perceber uma expressão tipicamente brasileira? Um dos nossos primeiros autointitulados críticos literários foi Silvio Romero que sustentou a inutilidade de programas nacionalistas; preferia encontrar um “caráter psicológico” que convergisse para a brasilidade. O fenômeno ocorreria com a gradual incorporação do conhecimento popular. A despeito do inaceitável ideário eugênico de Romero, o intelectual sergipano encetou a vanguarda no pensamento nacional ao repudiar o copismo estrangeiro em favor da voz popular. Seria o telurismo dos mitos, canções, casos sertanejos a matéria-prima da literatura brasileira.

A polêmica não parou com o entendimento de Romero do final do século XIX. Muito ao contrário. Só fez aumentar. Famoso é o tensionamento entre dois grandes pensadores da literatura brasileira. De um lado, Antonio Candido a defender a formação de um sistema interno que amalgamasse autor, obra e público e, de outro, Afrânio Coutinho polemizando a mania periodista de classificar a expressão brasileira que seria brasileira desde que Pero Vaz de Caminha. No fundo, se fôssemos atualizar a ideia de Coutinho, trata-se da contemporânea reivindicação identitária. A intrincada questão não está afeta somente à colonização que foi desmontada ao longo dos séculos. É muito comum em solo europeu onde impérios se desintegraram e, num único século, o mesmo escritor foi reivindicado por/para várias nacionalidades.

É claro que estou voltando à velha brasa da polêmica brasileira para me referir ao atual número da Revista Literária Pixé, organizado pela pesquisadora Geni Mendes de Brito. Revisitemos a formulação de Fernando Pessoa: a língua portuguesa é mesmo uma pátria? Pátria de quem? Será que essa abordagem não é essencialmente colonialista? O

que dizer de uma identidade a partir de uma língua imposta? Ou, ao contrário, o uso corrente do português somente atesta uma incontornável força colonial? Considerando que a língua foi ensinada às custas da repressão e do apagamento de outras tantas, o português é uma pátria ou um cárcere? Tais questões são indispensáveis, muito embora já saibamos todos que contarão com muitos discursos populistas e poucas soluções pragmáticas.

De qualquer forma, o caminho que Romero indicou para a “nacionalização literária” brasileira não seria válido para outras nações que se tornaram independentes no século XX? A incorporação do imaginário das comunidades tradicionais poderia fornecer um caminho, além da reivindicação de tudo o que foi produzido na terra. Contudo, não nos enganemos. O perigo da formulação de estereótipos é proporcional ao movimento endógeno dos nascentes nacionalismos e regionalismos. A minha particular curiosidade quanto à literatura produzida em países que falam português é saber se os escritores repetirão o romantismo que foi praticado no Brasil por Magalhães, Dias e Alencar. Noutras palavras – qual a verossimilhança da narrativa local na contemporaneidade.

Se Bernardo Guimarães criou uma escrava branca, Alencar criou um índio medieval. Até Graciliano Ramos imaginou um retirante rui-vo de olhos azuis. De que modo os intelectuais de países subjugados por Portugal encaram a formação da nacionalidade? Que tipos estarão narrados na literatura contemporânea? Quanta idealização romântica haverá na lírica e na prosa? O revisionismo histórico é uma das reações esperadas, sem dúvida alguma. No entanto, a questão que me parece mais empolgante é a estética pela qual se passará a limpo o passado. O que será lembrado, o que permanecerá esquecido e, finalmente, o que será inventado. Tudo em português. Ou, talvez, antiportuguês.



SUMÁRIO

- 2 Editorial
- 6 Geni Mendes de Brito
- 14 Aida Gomes
- 16 Ângela de Almeida
- 18 Antónia Manuela Miguelito Domingos
- 22 Conceição Lima
- 24 Dina Salústio
- 26 Dora Nunes Gago
- 28 Eliseu Banori
- 30 Epitácio Pais
- 32 Fátima Bettencourt
- 36 Fernanda Dias
- 38 Filinto Elísio
- 40 Henrique Levy
- 42 Hirondina Joshua
- 44 Irene Marques
- 46 Irene Lucília Andrade
- 52 **Luise Eru**
- 54 Isabel de Almeida Lima Lobo
- 58 Ivo Machado
- 60 João Carlos Abreu
- 64 Maria Elsa da Rocha
- 68 Lopito Feijó
- 70 Maria Fernandes
- 72 Olinda Beja
- 76 Pedro Pereira Lopes
- 80 Regina Correia
- 84 Sara Antónia Jona Laisse
- 86 Sônia Sutuane
- 90 Tony Tcheka
- 94 Vera Duarte
- 98 Vimala Devi
- 102 Yao Feng

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon

Artista Visual Convidado: Luise Eru

Curadoria da edição especial: Geni Mendes de Brito

Colaboradores desta edição: Aida Gomes, Ângela de Almeida, Antónia Manuela Miguelito Domingos, Conceição Lima, Dina Salústio, Dora Nunes Gago, Eliseu Banori, Epitácio Pais, Fátima Bettencourt,

Fernanda Dias, Filinto Elísio, Henrique Levy, Hirondina Joshua, Irene Marques, Irene Lucília Andrade, Isabel de Almeida Lima Lobo, Ivo Machado, João Carlos Abreu, Maria Elsa da Rocha, Lopito Feijó, Maria Fernandes, Pedro Pereira Lopes, Regina Correia, Sara Antónia Jona Laisse, Sônia Sutuane, Tony Tcheka, Vera Duarte, Vimala Devi, Yao Feng

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

**Geni Mendes de Brito**

É professora de Literatura Portuguesa e brasileira; pesquisadora sobre a Literatura africana de Língua Portuguesa especificamente, literatura e cultura cabo verdiana. Coordenadora do Grupo Literário e Cultural “Vozes da África”. Doutora em Estudos Literários.

APRESENTAÇÃO

Em Novembro de 2020, Eduardo Mahon, editor geral da Revista Literária Pixé me fez um desafio: convidar até 30 Escritores de Países de Língua Oficial Portuguesa para expor seja poesia, crônicas, contos ou narrativas curtas que irão enriquecer a edição especial da revista do mês de Junho de 2021. De imediato comecei os contatos com professores, pesquisadores e amigos de escritores dos países onde se fala a língua portuguesa, mas que nunca tive acesso às obras e seus respectivos autores.

Lancei-me na busca através dos diferentes contatos que tenho com colegas de profissão espalhados pela África, Ásia e Europa. Deu certo! E trago para esta edição especial poetas, cronistas, contistas e narradores dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (os PALOP), como Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Apresento também autores das ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira; assim como das longínquas regiões de Macau e Goa. E sem esquecer nossa “Língua-Mãe”, busquei celebrar e homenagear alguns dos muitos autores da lusofonia portuguesa que vivem em Portugal, Macau e Canadá. Lamento não apresentar autores do distante Timor Leste, pois devido a questões políticas, o único autor que tive contato preferiu não apresentar sua obra.

Lembrando ao leitor que a língua portuguesa é hoje a quarta mais falada no mundo e a primeira do Hemisfério Sul, em resultado de encontros seculares entre povos de vários continentes. Face à liberdade de circulação de pessoas, a língua e a escrita em português passaram a ser poderosos veículos no relacionamento social, econômico, político, e sem dúvidas, cultural/literário.

A crescente afirmação do português como uma das línguas mais faladas e escritas que teve um enorme desenvolvimento após as independências dos países africanos de língua oficial portuguesa que a adotaram como língua oficial. A língua portuguesa tem servido de veículo privilegiado para a também crescente afirmação dos escritores que a utilizam, de tal sorte que a atribuição do Nobel de Literatura a José Saramago, em 1998, surgiu como uma inevitabilidade.

Na qualidade de curadora desta edição Especial da Revista Literária Pixé, não poderia deixar de registrar a contribuição dos autores convidados, que com alegria e prontidão, responderam ao meu contato. De Portugal apresentamos a poesia de Regina Correia- que na sua obra poética “*Conjugação de Mapas*” questiona se “*Haverá ponte para Parságada*”? Fazendo referência ao poema “*Vou-me embora para Parságada*” do escritor modernista brasile-

iro Manuel Bandeira, essa autora lusitana responde em “*Tua Voz*” a saudade dos diferentes espaços criados pelo imaginário poético, sejam nas ilhas ou nas águas, no vento ou na pedra, essa voz que é o desassossego do “eu poético”. Esse desassossego está também presente no conto “*Burnout*” de Dora Nunes Gago que assegura a “literatura remexe as entranhas, alimenta a vida e os sonhos”. Seja em bíblias, em textos diversos ou sermões, as “palavras nunca dizem a verdade”, é o que nos afirma Irene Marques em “*Corpos encardidos de séculos*”.

Saindo do continente europeu, passamos pelo arquipélago dos Açores, essas nove ilhas de natureza vulcânicas localizadas no Oceano Atlântico. Direto da ilha de São Miguel, a poetisa e ensaísta Ângela Almeida nos presenteia com uma poesia cheia de promessas, quando escreve para “Ricardo Reis”. A autora promete que “quando a guerra terminar”, ela, “fará um abrigo de rosas brancas”, e conforta o leitor quando afirma que toda agonia “será entregue aos deuses”.

Nessa mesma ilha, Henrique Levy, poeta e romancista recorda a “Augusta Bastos” voz da poesia açoriana, do “comer junto ao mar”, “dos instantes inesperados, guardados na alma fechada por pássaros sem ar”. E desse mar açoriano, o poeta evoca uma poesia cheia de cores e de “saudades dos desvelos das mães”. Esse mar de “noite eterna” é também evocado pelo poeta açoriano Ivo Machado, nascido na ilha Terceira. Nos seus “cinco poemas insulares” o autor apresenta ao leitor uma poesia de saudação, aos “pássaros de passagem” aos “navios de porões vazios”, ao sol, a noite e o silêncio. Tudo está ligado ao Mar e a essas insulares ilhas.

Prosseguindo pelas ilhas portuguesas, chegamos à Madeira, ilha de Irene Mendes, Maria Fernandes e João Carlos Abreu, todos nascidos na Ilha do Funchal. Dessa ilha de origem vulcânica, surge-nos a “voz sabi” de Irene Lucília Andrade com sua narrativa sobre “*O caminho*”, que “conservava aquela atmosfera dos dias longínquos, em que a vida se fazia entre as liças da ribeira e a água da fonte”. [...] e que “chegava” a um ou outro even-





to”, à história de Glorinha bordadeira, que dedilhava viola e cantava fados. Esse caminho que na poesia de **Maria Fernandes**, é um “**Processo Continuous**” nos leva a “operar mudanças”[...] no laboratório-ocaso do pensamento”, mesmo que numa “manhã cinzenta” nos afirma **João Carlos Abreu**, “os pássaros morreram” em **New York, New York**.

Seguindo por esta viagem literária de autores lusófonos, aportamos em terras africanas. Em **Angola**, a poetisa, contista e ensaísta **Aida Gomes** faz “**Anúncios no Supermercado de Campo**”, onde na “Secção Vendo/Compro/Trespasso”, o leitor se depara com homens que “vendem amor”, “guardam segredos” que são “entendedores de árvores” e que conversam com as flores. Das diversificadas conversas através dos textos literários, **Antónia Domingos** nos conta a estória da “**benigna mentira da Kihunga (prepúcio)**”, conto repleto de tradições e superstições da cultura angolana, que na concepção de **Lopito Feijó**, faz parte do que esse autor chama de “**Tempo**” que “com ele apreendemos e compreendemos [...] a ser melhores”.

Seguindo viagem nesse trem da lusofonia, aportamos no arquipélago de Cabo Verde que nos mostra um rico ambiente literário, primeiro, com **Dina Salústio**, que em “**Liberdade adiada**” nos conta a saga de mulheres que “sonham montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais”. O sonho de “montar numa onda e partir” é também contado no conto infantil “**A cruz do Rufino**” da escritora **Fátima Bettencourt**, onde de um “mar calmo e sereno” surge no caminho “Chuva, relâmpagos e ondas encapeladas rugindo bravias”. A decisão de fazer “**uma viagem tormentosa**” está também presente na crônica poética de **Vera Duarte**, que em um “dia enublado de outubro” decide fazer uma viagem ao passado para desfazer “um nó que a martirizava”. Das *margens do Nilo, na região da Núbia*, passando por *navios negreiros, junto a inúmeros africanos acorrentados, atravessando o Atlântico*, a autora conduz o leitor a conhecer um triste passado da História. E nesse cambio de vocábulos, saindo do mar e dos sonhos, **Filinto**

Elísio nos apresenta uma poesia que dá espaço a “seca”, a “estiagem brava”, a “chuva”, o “desabar” e dialoga com a “pedra” de João Cabral de Melo. E dessa viagem através do Mar de Cabo Verde, **Isabel Lobo** nos leva até a cidade de Mindelo para uma prosa com “**Moacyr Rodrigues (In memoriam)**” uma referência nos estudos cabo-verdianos, de onde se destaca o seu discurso, ancorado num compromisso intelectual pela causa cultural do Arquipélago.

Das insulares ilhas cabo-verdianas viajamos para a longínqua Goa- na então Índia Portuguesa. Já sob o regime colonial, surge o contista **Epitácio Pais** (1924-2009), que contribuiu com contos para jornais goeses de língua portuguesa. Em “**Conto de Natal**” Epitácio nos fala de amor, de comoção, de luta e desdita que transmuta a “ternura nos olhos dos homens”. Essa transmutação envolve a língua falada em Goa, os diferentes vocábulos presente no conto **Etê Etê Morhà** da professora e contista **Maria Elsa da Rocha** (1924-2007), nascida na aldeia de Aldoná, - Índia Portuguesa. Rocha nos revela o dia-a-dia da vida e dos confrontos culturais entre um cotidiano português e indiano. Este confronto cultural entre uma nação ocidental e oriental marca a narrativa de **Vimala Devi**, nossa terceira contista goesa. Em “**Fidelidade**” a autora mostra o diálogo entre dois jovens que discorrem sobre valores e tradições, sem com isso, afrontar o “diferente”.

Retornando ao Continente Africano, nos deparamos com **Eliseu Banori**, jovem “nascido no chão de papel Varela”, um dos bairros de Bissau, capital da **Guiné-Bissau**. Seus livros entre poesia, ensaio, romance, conto e biografia revelam o cotidiano tradicional oral do seu país. Em “**Lágrimas de um poeta**” Bonari evoca os sonhos que não são só dele, mas de toda uma geração de jovens que busca “um amanhecer melhor”, sem “lágrimas e sofrimentos”. Dessa Bissau africana revelamos o escritor, poeta, jornalista e analista político e social, **Tony Tcheka** uma das referências na literatura e jornalismo da Guiné-Bissau. Em “**Diasporando**” o autor exorta a um futuro

onde os “Filhos e netos da mama” África, tantas vezes “sem porto, no desconforto e desesperado da diáspora”; e que esse **Homem-Guiné** “vença a fome na curvatura do silêncio”.

Nesse itinerário literário pelo Continente Africano aterramos no chão de *Mussa ibn Bique* - primeiro governante conhecido de **Moçambique** antes da invasão portuguesa da região, período que antecedeu à conquista colonial de grande parte da África. Da Capital Maputo, apresentamos jovens escritores como **Hirondina Joshua** (1987), **Pedro Pereira Lopes** (1987), **Sara Antónia Jona Laisse** e **Sónia Sultuane** (1971). Na cultura bitonga (vatonga) **Sara Laisse** nos informa sobre o reconhecimento e o papel do ancião na sociedade moçambicana. Para os “velhos”, escreve a autora, lhes é dedicado o **ligoci**, um ritual de agradecimento pela sua existência e pelo prestigioso lugar que lhes tem sido dado. Já em “**Africana**”, **Sónia Sultuane**, poeta, artista plástica e curadora, declara que “fala, respira e cheira a África”, pois essa multifacetada escritora tem o “negro, árabe, indiano” no sangue [...] que a faz “filha de um Continente onde todos se misturam”. E desse Moçambique de “gente insana”, “adjectivada” e que “namora um quadro horas a fio”, o poeta, contista, romancista e ensaísta **Pedro Pereira Lopes** nos apresenta “**Anjo Grave**” que “pode até causar espanto” ao mais distraído leitor. Já na esteira final de Moçambique, **Hirondina Joshua** faz uma viagem pelo corpo humano, e nos fala de “órgão cimentado rubro”, da “dor como parte inferior” e do tempo que soprou nos rostos de mulheres” [...] e que fez dessas mulheres “coisas impraticáveis”. E dessa viagem a “procura de um órgão” chega-se ao que a autora denomina de “**Pleura**”.

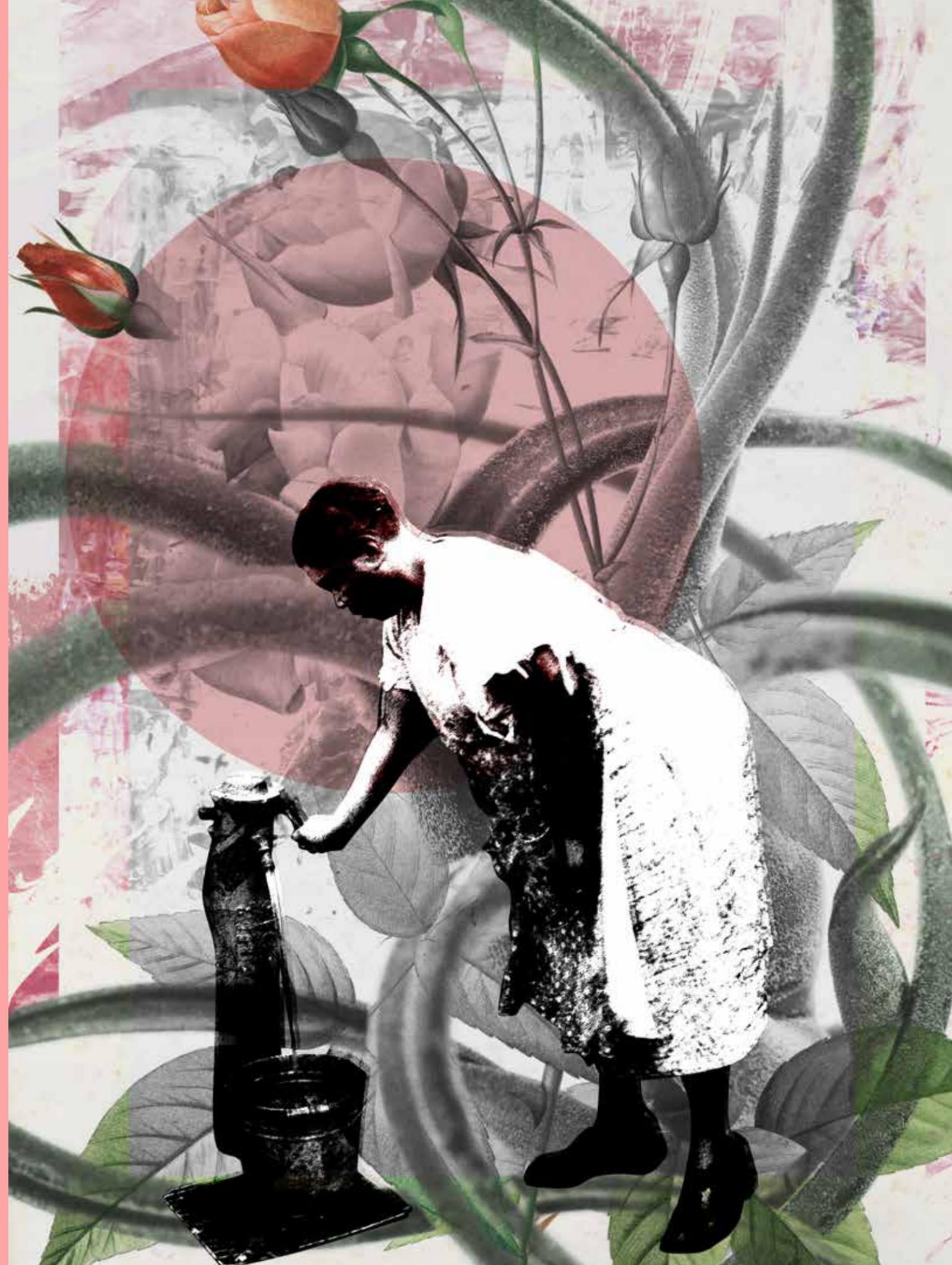
Desse longo percurso literário, chegamos ao último país africano: **São Tomé e Príncipe**, país insular localizado no Golfo da Guiné, na costa equatorial ocidental da África Central. Dessas ilhas trazemos duas escritoras: **Conceição Lima**, Jornalista, poetisa e cronista, membro-fundadora da União Nacional dos Escritores e Artistas São-tomenses, UNEAS e **Olinda Beja**- Poeta,

romancista, contadora de histórias, que divulga a cultura e a literatura lusófona em todo o mundo onde se fala a Língua Portuguesa. Em “**Manifesto Imaginado de um Serviçal**”, **Conceição Lima** nos apresenta sua ilha, “esse chão inconquistado”, este “barro” que é seu “espinho” e que penetrou seus ossos “como um sopro cruel e palpitante”. Vale apenas ler essa poesia que trata da “puíta”, do “ndjambi”, e do “bulauê”, ricos sons que vem da ilha do “socopé”.

Essa ilha de São Tomé e Príncipe onde em “**Travessia**” **Olinda Beja** nos informa que “Chegaram primeiro os oriundos do sul do Sahara”, “Do Gabão, da Libéria, da Mina, [...] Outros vieram das ilhas áridas, outros das terras de D’jinga”, culminando assim na “União de muitas raças e credos e danças”. Toda essa riqueza e misturas de povos são contadas através da poesia, de crônicas e narrativas dos irmãos do além-mar, da Mãe-África.

E culminando nossa viagem literária, chegamos a **Macau**, última parada dessa viagem da lusofonia, região autônoma na costa sul da China continental, separada de Hong Kong pelo delta do rio das Pérolas. Território português até 1999, Macau reflete uma mistura de influências culturais. E desse impacto de culturas, apresento o poeta, crítico literário e professor **Yao Jingming** que em sua poesia, exalta “**O Corpo**”, que conforme o autor, “não pensa, mas sente”, e discursa que toda “revolução também começa pelo corpo, para a sua libertação ou destruição”. E o autor conclui seu texto afirmando que “o corpo é um caminho que nos conduz [...] para casa”. E é nesta casa que **Fernanda Dias**, nossa segunda poetisa em terras chinas, nos escreve em o “**Mapa Esquivo**” suas “*Crônicas de um diminuto pedaço de chão*”, em que se inspira na cidade de Macau, que “tem cabelos de obelisco, corpo fremente de gentes e tumultos, seios de ourapel, púbis de arvoredos e um rio de seda líquida em torno das ancas”. E através desse contar poético de **Fernanda Dias**, o leitor viaja por uma cidade imaginária repleta de “palácios demolidos”.

E para o leitor, boa viagem pelos caminhos da literatura lusófona.





Aida Gomes

Nasceu em Angola, estudou Sociologia e Estudos do Desenvolvimento na Holanda. Trabalhou nas últimas décadas em missões de paz das Nações Unidas em Kosovo, Libéria, Guiné-Bissau, Angola, Sudão, Moçambique, Suriname e Camboja. Publicou em 2011 o romance "Os Pretos de Pousaflores" (D. Quixote/Leya, Lisboa). Tem diversos textos publicados nas revistas *BUALA*; *InComunidade*; *Capitolina Books*; *Development Workshop* (Luanda); *Occasional Papers Series*, Universidade de Nijmegen (Holanda); *Revue Noire* (Paris).

VIDA DO CAMPO

ANÚNCIO NO SUPERMERCADO DE CAMPO/ SECÇÃO VENDENDO/COMPRO/TRESPASSO

O meu nome é Bento. Sou de CNampo e procuro mulher meiga para grande amizade com muito amor. Se estás carente comigo estás à vontade em tudo. Tenho 49 anos, sou alto e meigo, e muito humano. Não interessa a tua idade, aceito o amor todo que tens para dar. Guardo segredo se assim quiseres. Deixa SMS com nome e idade, depois ligo-te meu amor.

ANTÓNIO PÁSSARO

Procura-se entendedor d' árvores que dê um jeito à ameixoeira e ao limoeiro. Uns ramos sobem ao Sol e outros entram no quintal do vizinho, e de tanto medrar para os lados, as cabras roem-lhe as folhas. Há também uma cerejeira e três macieiras viradas para o céu, a essas ninguém lhes chega.

- Mas o senhor, António é o seu nome? Ao vê-lo assim no alto de uma escada, dá-me medo que caia!...

- Ouça lá, cair? A vida inteira andei em cima das árvores. Essa sua ameixoeira alguma vez deu fruto? Sabe que as árvores querem todas as mesmas coisas, ar por baixo, e por cima espaço para arejar. E que outras árvores você mais tem? Não se preocupe, um destes Sábados dou lá um salto. Nós de Campo temos um entendimento com as árvores que ninguém mais tem. A menina não é de cá, não me conhece, mas aqui todos me chamam o António Pássaro.

O SENHOR RUI CONVERSA COM AS FLORES

Hoje o Bruno apareceu de óculos. A idade puxa. Estacionou a carrinha no quintal, e dela tirou a mota-serra, a roçadeira e o aspirador de folhas. Só que não vinha acompanhado do senhor Rui, seu tio pela parte da mãe.

_O meu tio foi-se. Chegou a casa do trabalho, sentiu-se mal, quando deram por ela, já ele se tinha ido.

O Bruno trouxe um sujeito que de tão sorridente, despertou-me saudades da cara assombrada do senhor Rui. Não pelo zelo no trabalho de jardinagem. Os dois juntos serraram até os salgueiros, e à beira do rio deram uma mão às silvas. O trabalho feito, a jorna ganha, o Bruno estendeu-me a mão. Parou a meio. Queria contar-me outra vez, mas com pormenores de maior, como é que o senhor Rui morreu.

_Levaram-no para casa, ele estava a sentir-se mal. Já em casa, se deu dois passos, isso foi muito. Não saiu do chão. Foi o coração. Não sentiu nada.

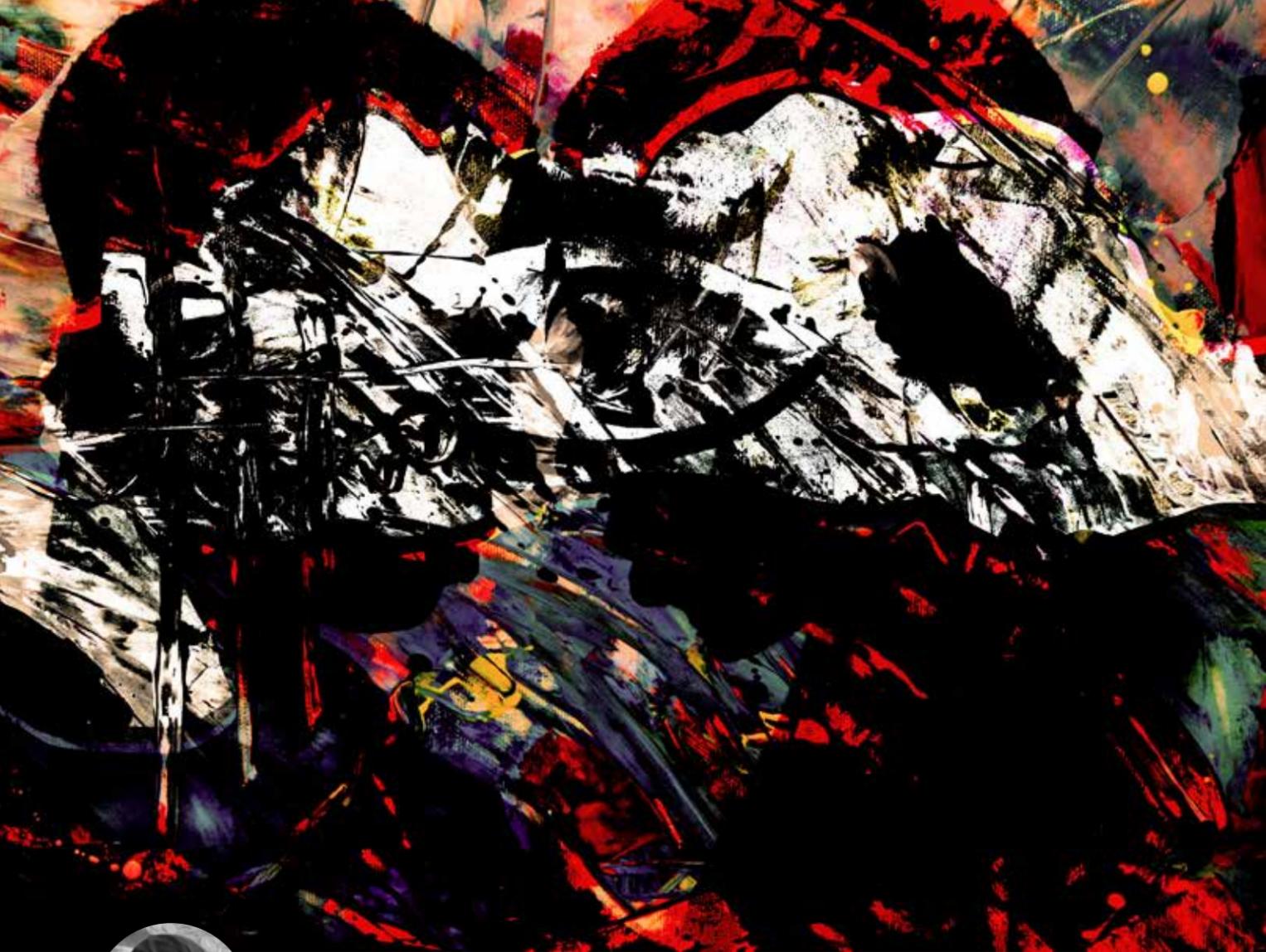
Dado o aperto de mão, o Bruno deu passagem ao companheiro de sorriso gaitero. Estendi-lhe a mão, mas não fiquei com o nome. Por respeito ao senhor Rui. Era um homem calado. Só raramente falava. Um dia ouvi-o conversar com as flores.

_Tenho uma vida danada _ Desabafava, a remontar os canteiros.

Sou chefe dos verdes da freguesia. Explicava às flores. _ Não sou chefe de coisa nenhuma. Tudo bem contado, a seguir a mim até lá ao alto, são seis engenheiros a mandar em nós. A contar para baixo, só há um jovem que passa o dia sentado a conduzir o camião com guindaste.

Para não dar azo à tristeza fui ver o rio. As silvas cortadas, caídas na água. E de repente vi uma rã. A maquineta do Bruno, ou se calhar a do outro, o sujeito de sorriso malparado, cortara-lhe metade das patas. A rã mexia só parte das pernas. Não saía do sítio.

Muito triste de se ver.



Ângela de Almeida

É uma investigadora, ensaísta e poetisa portuguesa, natural da cidade da Horta, onde viveu até aos 16 anos de idade. Estudou em Lisboa, sendo doutorada em Literatura Portuguesa. Neste domínio, defendeu a primeira tese de doutoramento sobre a simbólica da ilha e do pentecostalismo na autora açoriana, Natália Correia. É investigadora na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada e colabora com outros organismos regionais e nacionais, participando também em colóquios e congressos, promovidos por instituições portuguesas e europeias. Anteriormente, lecionou no Ensino Secundário e no Ensino Superior, foi investigadora no CLEPLUL, editora e assessora para a Cultura. No domínio do ensaio, é, entre outros, autora de *Retrato de Natália Correia* (1993, Círculo de Leitores), vários estudos introdutórios a obras da mesma autora, *A simbólica da ilha e do Pentecostalismo em Natália Correia* (2019, Letras Lavadas) e *Natália Correia, um compromisso com a humanidade* (2019, DRC-GRA). No domínio da poesia, publicou: *sobre o rosto* (1989), *manifesto* (2005), *a oriente* (2007), *caligrafia dos pássaros* (2018), *estado de emergência* (2020, em co-autoria com Henrique Levy). Publicou, também, a narrativa poética *o baile das luas* (1993) e dois livros de viagem. Colabora com a revista *Oresteia*, de Literatura, Filosofia, Ciências Sociais e Artes, dirigida por Vítor Oliveira Mateus. Recentemente, publicou poesia nas revistas *Palavra Comum* e *Enfermaria 6*.

A RICARDO REIS

Mestre

quando a guerra terminar
farei um abrigo de rosas brancas
e lá nos encontraremos
e olharemos o futuro
em que juntos traremos o rio nos olhos

e conforme dizias
deixaremos que o dia passe leve
e sem pesar
entregando a agonia aos deuses
nossos cuidadores incautos

e ausentes de qualquer enleio
falaremos do exílio na pátria
que não no Olimpo
e soltaremos cada hora
roubada ao nosso momento

quando o dia acabar
e o abrigo de rosas secar
cada um de nós partirá
tranquilo
para o seu jardim indefeso

porque

as nossas mãos continuarão vazias
e os nossos sonhos

esses

estarão guardados no intervalo do tempo

II

há um rio inclinado sobre
as aves abatidas em Roma

e um campo de rosas cobre as asas
amputadas e o uivo das flautas sobre
os bicos escancarados

para

a mulher que arde no
centro da Piazza Venezia

e duma varanda
Desabam hinos e cânticos
e partituras
e mapas
deportados

e atrás duma coluna
suspensa
um tenor em lágrimas
murmura

a 31 de Dezembro
os pássaros foram decapitados
em Roma.

Poema inédito de Ângela de Almeida



Antónia Manuela Miguelito Domingos

É natural de Cacuso, município da Província de Malange (Angola). Nascida a 28 de agosto de 1970. Professora licenciada no Curso do 1º. Ciclo de Ensino Básico pela escola Superior de Educação e do Instituto Politécnico de Coimbra. Mestre em Ciências da Educação, na área de Especialização em Educação e Desenvolvimento Social, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Desenvolvimento Social pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, onde defendeu a sua primeira obra de dissertação, sob o título "Crianças, vítimas de práticas de feitiçaria". Atualmente, é doutoranda em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CONTO

A benigna mentira da Kinhunga (prepúcio)

No serão, Samilande escutou uma conversa: os rapazes haviam de ser circuncidados no dia 16 de agosto, logo a seguir a festa da assunção de Nossa Senhora (15 de Agosto). Os enfermeiros disseram que os meninos teriam de fechar os olhos no acto da excisão, para não verem o coelho que viria a correr da floresta, para tirar a pele da parte superior do pênis dos rapazes. E as meninas não deviam ver os rapazes a serem excisados; porque, se, porventura, as raparigas vissem, ficariam cegas.

Samilande, pertinente, questionou os enfermeiros e os mais velhos da aldeia:

- Será verdade? O coelho virá mesmo ou alguém o pegará? ...Não acredito.

Os enfermeiros pediram-lhe que não parecesse, porque muitas meninas ficariam segas depois de terem visto os rapazes nus, a serem circundados.

No dia seguinte, depois do pequeno almoço, os rapazes lá foram, acompanhados pelos mais velhos, de olhos vendados e deitados de cabeça para cima, com canções lindas. Depois é que são confrontados, ao cortar do prepúcio, com a lâmina de uma faca desinfectada com álcool. Dois adultos apertam o abdómen e os pênis dos rapazes, durante o processo pré e pós-operatório, os enfermeiros e outros homens vigiam, para impedir a presença de alguma mulher. Não viram ninguém, e a operação dos tundanjes (caloiros) corria às mil maravilhas, até que um enfermeiro auxiliar viu uma rapariga com os olhos bem abertos: era Salimande. Azar na aldeia da Missão?

- Xê, Salimande! Vais ficar cega, as feridas dos rapazes não vão cicatrizar, tua mamã terá de pagar uma multa!

- Pagar multa, por quê? Que mal eu fiz, para a minha mãe ter de pagar multa? Pagar multa por eu ter descoberto uma mentira, porque vi os rapazes a serem circuncidados e não estou cega? Devem é pagar multa a mim... Eu vejo muito bem!

Samilande viu um rapaz cujas feridas já estavam curadas; e esse, porventura, não teria sido circuncidado a mais tempo.

- Vocês mentiram-nos e mentiram até aos recém- circuncidados!

- Você é muito atrevida! Vamos agora ter com a tua mamã. Para ela saber que prenda é a filha educadíssima!

As feridas cicatrizaram muito rápido dentro do prazo normal. Depois da intervenção, todas as manhãs, os enfermeiros anunciavam a saída dos recém- circuncidados, vestidos de saias. As mulheres faziam as refeições, mas estavam proibidas de entrar. A refeição era levada pelos enfermeiros e outros homens, e os rapazes tinham boa serventia. Se, por ventura, uma mulher fosse encontrada na passagem do recinto destinada aos meninos, seria repreendida, não se livrando de pagar uma multa resultante da infracção. Estas regras impostas às mulheres eram consideradas muito importantes, pois, segundo a opinião do enfermeiro-chefe, além de elas ficarem cegas, a presença de uma mulher podia retardar o processo de cicatrização das feridas.

Antes de celebrarem a festa da despedida, os enfermeiros chegaram à mamã da Salimande e contaram que ela tinha visto os rapazes serem circuncidados. A mamã de Salimande desmaiou, perdeu os sentidos, e foi levada ao hospital. Depois de recuperar os sentidos, foi à igreja e apresentou em público a Salimande, para limpar o mau-olhado dos demônios que andavam na sua cabeça, por ela ter descoberto o segredo da circuncisão.

- Senhor Padre! Minha filha tem demônio. Nguiloloke.

- Eu? Kokolodiami!

O padre disse:

- Esta menina tem demônio na cabeça. Pela ordem da Santa Sé, eu, padre com o carisma educação e evangelização, ordenado a cumprir obediência, pobreza e castidade, da Congregação dos Espiritanos, ordeno que vão cumprir a penitência de rezar três rosários diários.

A mãe da menina exclamou:

- Você, Salimande, o demônio anda na tua cabeça. Filha de Deus não deve ver os homens a cortar a kynhunga (prepúcio). Vais ficar cega e vou ter de pagar multa de um boi, para a ferida dos rapazes cicatrizarem e você não ficar cega.

- As feridas já curaram e eu não vi nenhum coelho cortar a kynhuga. O coelho, mostraram-no eles aos rapazes, depois daquela faca afiadíssima lhes ter cortado a kynhuga. A mamã terá de pedir um boi aos enfermeiros para nós, por eu ter descoberto a mentira benigna da circuncisão.

-Você tem demônio poderoso, mas o Senhor Deus é onnipotente e boníssimo!

A mãe da Salimande pagou a multa de um boi, os homens aproveitaram a carne para a festa dos ex-novatos. A festa continuava a bom ritmo, os rapazes estavam contentes, porque se sentiam audaciosos e homens sexualmente viris. As senhoras da aldeia cantavam, apontando com as mãos os sexos:

"cama quenhaca quiene quia mubela maca"

*"cama quenhaca quiene quia mubela maca"*¹

[...]

Contos: a Kynhunga, Mayamba Editora, 2017

¹ *"Esta coisa, o sexo, é que traz problemas!"*



MANIFESTO IMAGINÁRIO DE UM SERVIÇAL

Chão inconquistado chama-me teu que sobre
 {minha frente se
 esvai a lua esburacada na sanzala. Não mais
 {regressarei ao Sul}.
 Morador interdito ficarei nas tuas entranhas
 {Aqui, onde tudo.
 dei e me perdi. Morro sem
 respirar o hálito de uma
 {outra cidade
 que adubei.
 Irmãos:
 Deitai-me amanhã no terreiro à hora do sol
 Nascente: quero
 Olhar de frente as plantações. Quero contemplar,
 Morto e inteiro, meu legado involuntário
 De africano em África desterrado.
 Clamo o pó que reclama a
 exaustão serena do meu
 {corpo.
 Não mo podeis usurpar, ngwêtas, com o ferro da
 {vossa força.
 Não mo negueis, ó híbridos
 forros, com o vosso frio
 {desdém de
 séculos. Este barro é meu, espinho a espinho
 {penetrou o osso dos
 meus passos como um sopro
 cruel e palpitante. Até
 {ao
 fim onde agora
 começo porque a morte é o estuário de onde
 {desertam os barcos todos
 que cavaram meu destino.
 Irmãos:
 Pelo mar viemos com febre.
 De longe viemos com
 {sede.
 Chegámos de muito longe sem casa.
 Dai-me a beber agora a amarga
 infusão do caule do
 {aloé, quero
 esgotar o cálice do nosso calvário.
 Dai-me uma coreografia de labaredas e vertigens
 {que a nossa
 saga é uma constelação de astros absurdos.
 Dai-me amanhã em oferenda todos os sons que
 {criei e os sons
 que não criei mas aprendi
 a puíta, o ndjambi, o bulauê
 a dêxa também e o socopé
 Trazei-me os silêncios todos que percorri
 Mostrai-me os caminhos que não trilhei mas
 {construí
 Celebrai-me anónimo na praça
 que não verei mas
 {antevi.
 Ilhas! Clamai-me vosso que na morte
 não há desterro e eu morro. Coroai-me hoje
 de raízes de sândalo e ndombó
 Sou filho da terra.

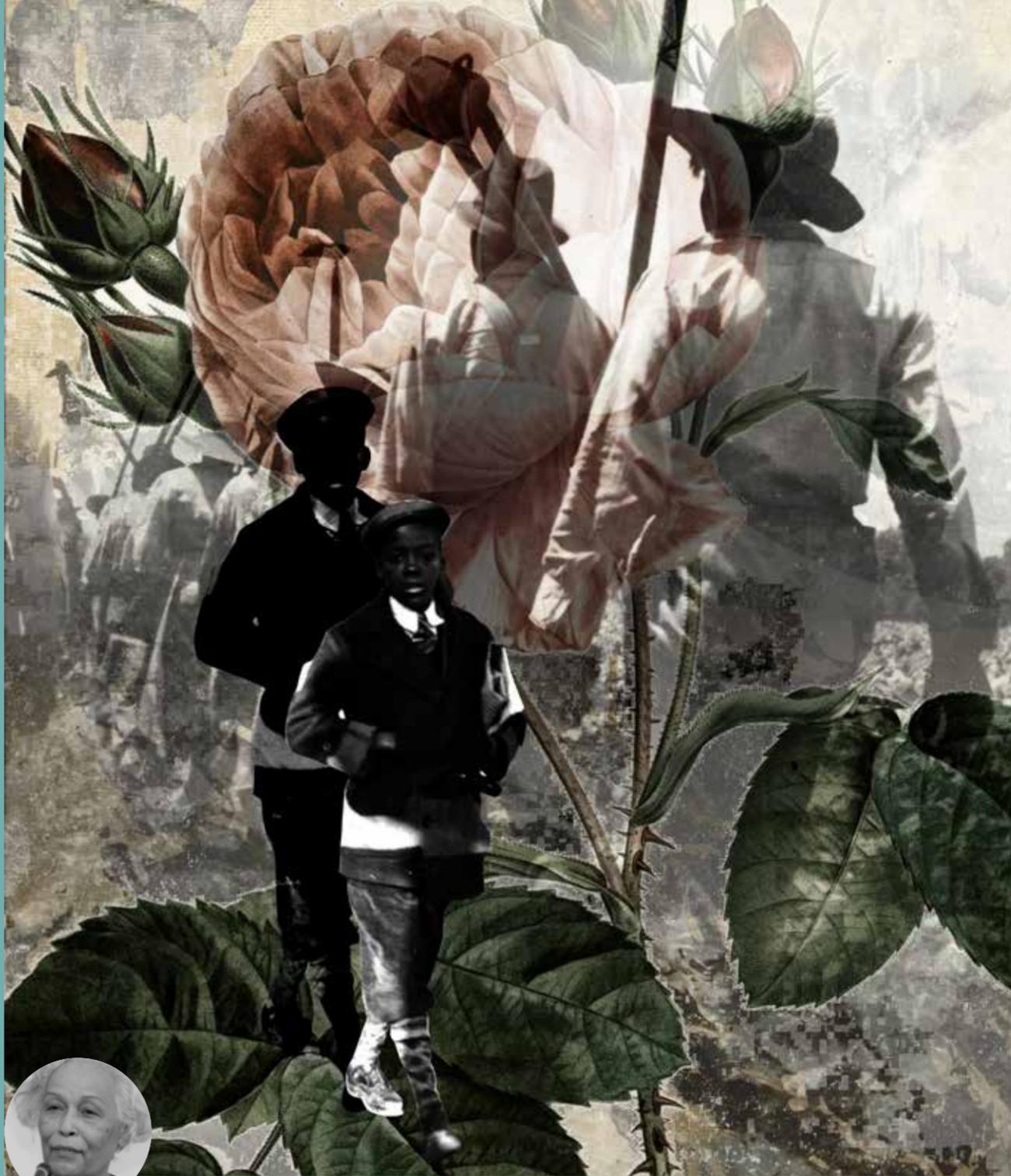
GLOSSÁRIO

Ngwêtas – palavra de origem angolana que designa pessoas de raça branca
 Forro – Liberto; grupo social dominante em São Tomé e Príncipe
 Puíta – (São Tomé) - Cerimónia originária de Angola, investida de funções curativas e exorcizantes.
 Ndjambí – ritual percebido como mediúnico que assinala o clímax da puíta
 Ndombó – rebento da folha da palmeira
 Bulauê – Género musical da ilha de São Tomé que incorpora elementos da puíta e do socopé
 Dêxa – Género musical e dança da ilha do Príncipe
 Socopé – Género musical e dança da ilha de São Tomé



Conceição Lima

Nasceu em Santana, na ilha de São Tomé, São Tomé e Príncipe, a 8 de Dezembro de 1961. Jornalista, poetisa e cronista, é membro-fundadora da União Nacional dos Escritores e Artistas São-tomenses, UNEAS. Fez os estudos primários e secundários em São Tomé, onde reside e trabalha como jornalista da TVS, Televisão São-tomense. Foi durante longos anos jornalista e produtora dos Serviços em Língua Portuguesa da BBC, em Londres. É licenciada em Estudos Africanos, Portugueses e Brasileiros pelo King's College of London e possui o grau de Mestre em Estudos Africanos, com especialização em Governos e Políticas na África sub-saariana, pela School of Oriental and African Studies, SOAS, Londres. Pela Editorial Caminho, de Lisboa, publicou *O Útero da Casa* (2004), *A Dolorosa Raiz do Micondó* (1ª edição 2006, 2ª edição 2008) e *O País de Akendenguê* (2011). Em 2015, em edição de autor, publicou "*Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico*". Está traduzida para o alemão, árabe, espanhol, francês, inglês, italiano, galego, turco e servo-croata. Em 2010, o livro *A Dolorosa Raiz do Micondó* foi traduzido para o alemão pela editora Delta, de Estugarda, em edição bilingue, juntamente com *O Útero da Casa*. Em 2014 foi traduzido para o italiano pela Edizioni Kolibris. Foi traduzido para o espanhol pela editora Baile del Sol, de Tenerife, e pela editora El perro y la rana, de Caracas.



Dina Salústio (Bernadina de Oliveira Salústio)

Nasceu em Cabo Verde - na Ilha de Santo Antão. Professora, Assistente Social e jornalista, trabalhou em Portugal, Angola e Cabo Verde. É sócia-fundadora da Associação dos Escritores cabo-verdianos, da Sociedade cabo verdiana de autores e membro-fundador da Academia Cabo Verdiana de Letras e do PEN Clube de Cabo Verde. Dirigiu também um programa de rádio dedicado a assuntos educativos e foi produtora de rádio. Trabalhou ainda para o Ministério dos Assuntos Exteriores de Cabo Verde. É correspondente da Academia Sergipana de Letras (Brasil). Foi distinguida com o primeiro prêmio de literatura infantil de Cabo Verde em 1994 e com o terceiro prêmio de literatura infantil dos PALOP em 1999. Publicou em 1994 uma coletânea de 35 contos intitulada *Mornas Eram as Noites*, e estreou-se no romance com *A Louca de Serrano*, em 1998.

LIBERDADE ADIADA

Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. Esperava que a qualquer momento o coração lhe perfurasse o peito, lhe rasgasse a blusa [...].

Como será o coração?

Teria mesmo aquela forma bonita dos postais coloridos?

Seriam todos os corações do mesmo formato?

...será que as dores deformam os corações?

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças.

Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava!

Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente.

Não. Não voltaria para casa.

O barranco olhava-a, a boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final.

Conhecia aquele tipo de sorriso e não tinha boas recordações dos tempos que vinham depois. Mas um dia havia de o eternizar. E se fosse agora, no instante que madrugava? A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco.

Gostava da sua lata de carregar água. Tratava-a bem. Às vezes, em momentos de raiva ou simplesmente indefinidos areava-a uma vez, mil vezes, até que ficava a luzir e a cólera, ou a indefinição se perdiam no brilho prateado. Com o fundo de madeira que tivera de lhe mandar colocar, quando começou a espirrar água e já não suportava uma torcida de farrapo, ficou mais pesada, mas não eram daí os seus tormentos.

Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás, nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder.

Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou, a saber, o que aquilo era. À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito.

O que tinha a ver os filhos com coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhora! Apressou-se a ir ao encontro deles. O mais novito devia está a chamar por ela.

Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás.

Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço de sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais.

BURNOUT

Sara acorda com um ruído a martelar-lhe o cérebro. Tenta, ainda por minutos, retomar o sono ao ver que ainda nem um fio de luz entra pela janela. Olha para o relógio: cinco da madrugada. Adormeceu às três horas. Duas horas de sono agitado por pesadelos ansiosos, como era costume nos últimos meses. Aquela ansiedade, o aperto no peito, a falta de ar, o cansaço crónico, o corpo dorido como se tivesse sido cilindrada por um camião. Devia aproveitar para trabalhar. Tanto para fazer! Tantos trabalhos para corrigir, e-mails para responder, relatórios, teses... e a sua mente parece um deserto acabado de bombardear. O cérebro árido, vazio, recusa-se a estabelecer as sinapses necessárias. Uma folha em branco. A vida toda reduzida a uma folha em branco que grita a sua poderosa impermeabilidade a qualquer ideia. Tenta ler: junta as frases como uma aluna da primeira classe, mas não lhes decifra o sentido. Ao chegar à terceira frase já se esqueceu do conteúdo da primeira. E há prazos, reuniões inúteis, actividades banais a devorarem gulosamente os momentos, os dias, os meses, a sanidade mental.

Trocara de profissão, de continente, de universo para aceitar o novo desafio e alimentar “a bicha solitária” (as palavras eram de Vargas Llosa nas Cartas a um jovem romancista) chamada literatura que lhe remexia as entranhas, que a queria sugar e alimentar-se da sua vida, dos mundos a conhecer, dos sonhos a viver, dos suspiros, dos risos e das lágrimas. No entanto, agora, passados cinco anos, via que a “bicha solitária” se convertera numa “chocadeira” de artigos académicos que iam picando os ovos e sacudindo a penugem das asas, rumo ao mundo onde sucumbiriam esmagados pela poeira do tempo – como os pintainhos da sua infância que agasalhava ao anoitecer em caixas de papelão, mas que, por vezes, apareciam mortos na manhã seguinte.

De resto, há pedaços de prosa, abortos de contos, crónicas, narrativas de viagem somados em ficheiros perdidos. Nada de consistente, nada de satisfatório em cinco anos de andanças, cruzando países, analisando literatura, dissecando teoria. E, afinal, no meio disto tudo, a “bicha solitária” reclama, cada vez mais insatisfeita e esfomeada...

Naquele dia tem de entregar os dossiers de candidatura para renovação do contrato na universidade. Sente o coração vazio, enjaulado pelas fronteiras da incerteza. O carreirismo, a ambição desenfreada, avassaladora, que tudo arrasa para compensar o mérito inexistente – essa característica reflectida em cada gesto e em cada palavra de muitos dos seus colegas -nunca a afectara. As suas ambições sempre haviam sido modestas, mesmo elementares: uns raios de sol, uma nesga de mar e tempo. Queria, sobretudo tempo, o bem mais precioso à superfície da terra. Como escreveu Raduan Nassar na sua *Lavoura Arcaica*: “embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento” (p. 40). Tempo para aprender, para conhecer, para viver, para descobrir novas cores, novos sabores, vidas, melodias, mares...

Agora chegou a uma encruzilhada. Passou os últimos meses sepultada num oceano de papéis a organizar diligentemente os treze dossiers exigidos. Tocou a bainha da loucura, do desespero, naufragou na alienação. Falta apenas entregar. E depois? Permanecerá ali, com as raízes a flutuar, como uma flor de lótus sepultada no lodo das esperanças vãs?

Remexe nos livros da estante e, ao folhear o Diário de Torga, este acena-lhe com uma passagem certa, escrita a 22 de Outubro de 1945: “O verdadeiro triunfador cria as condições da sua realização. Que se importa a gente com as doenças de Beethoven, e que pesam elas na sua obra? A natureza, quando dá génio, dá forças e coragem para vencer todos os obstáculos que não o deixam desabrochar.” (Torga, 2010: 253).

Entra na cozinha. Liga o fogão. Leva os dossiers um a um. Vai ateando suavemente as chamas a cada uma das folhas. Tudo engolido numa bola de fogo única, num sol tantas vezes adiado que rasgará, enfim, as nuvens da incerteza e brilhará na liberdade das palavras por escrever.



Dora Nunes Gago

É actualmente Professora Associada de Literatura no Departamento de Português da Universidade de Macau (China), onde iniciou funções, em 2012, como Professora Auxiliar. Doutorada em Línguas e Literaturas Românicas Comparadas pela Universidade Nova de Lisboa (2007), foi Leitora do Instituto Camões na Universidade da República Oriental do Uruguai; investigadora de pós-doutoramento na Universidade de Aveiro e na Universidade de Massachusetts Amherst (Estados Unidos). Publicou os livros académicos: *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*, FCT/ Fundação Calouste Gulbenkian (2008); *Uma cartografia do olhar: exílios, imagens do estrangeiro e intertextualidades na Literatura Portuguesa* (2020). Para além de um considerável número de artigos em revistas académicas e capítulos de livros, publicou, entre outros, os seguintes títulos: *A Sul da Escrita* (Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca em 2007); *As Duas Faces do Dia* (2014) *Travessias, Contos Migratórios* (2014); *A Matéria dos Sonhos* (Poesia, 2015).



Eliseu Banori

Sob nome literário, Eliseu José Pereira Ié, integra saberes africanos aos rituais da escrita. Nascido no chão de papel Varela, um dos bairros de Bissau, capital da Guiné-Bissau, é pesquisador e mestre em literaturas africanas de língua portuguesa (UFRJ). Seus livros entre poesia, ensaio, romance, conto e biografia revelam o cotidiano tradicional oral do seu país. Em 2020, lança “A história que a minha mãe não me contou” e outras histórias da Guiné-Bissau, uma coletânea de contos juvenis.



LÁGRIMAS DO POETA

Guiné!

Vesti-me de lágrimas e de esperança
De um dia amanhecer
Sonhar melhor
Lágrimas do meu sofrimento
e do teu sangue derramado
Que se perdessem nas noites da tua escuridão...
Procuro tua amanhã
sem cessar;
No encontro do teu olhar
Canto canções de um tempo que há de vir
Que sacudi na madrugada quente e úmida
Da tua liberdade

Guiné!

Não me deixe demolir
Quero me esquecer dos dias de misérias
Dias em que vi defuntos despedaçados
Padidas atravessando bolanhas...
Quero ver crianças sonhando com a nossa terra
a nossa floresta
a nossa bolanha
como um pedaço da minha esperança
Que ferve nas panelas de mulheres de tabancas

Guiné!

Cada momento em que escrevo meus versos
Só vale se cada segundo exaltar teu nome
Se cada segundo gritar teu sossego;
Em glória dos que se foram em liberdade
Do nosso chão
Presença constante em meus cantos
Um raio de chuva por entre as sombras das noites
esquecidas
Que cada gota da minha lágrima
Seja esperança dos teus filhos
Que ainda sonham com florir nos céus...

Mama Guiné!

A minha poesia é curta
Mas a minha dor
Dobra dias dos meus choros.



Epitácio Pais (1924-2009).

Nascido na aldeia de Batim, na então Índia Portuguesa, já sob o regime colonial Pais contribuiu com contos para jornais goeses de língua portuguesa como o Diário da Noite (onde 'Conto de Natal' apareceu em 1956), Diário de Goa ou O Heraldo, assim como para o programa 'Renascença' transmitido já no período pós-colonial pela All-India Radio até os anos de 80. Uma coletânea dos seus contos foi lançado em Lisboa em 1973, intitulado Os Javalis de Codval. Um romance, inédito na vida do autor, foi publicado sob o título de Preia-Mar em 2016 pela editora Goa, 1556.



CONTO DO NATAL

Quando Maria chegou à grande cidade, levava consigo uma ânsia desmedida de triunfar e relegar às trevas do esquecimento o seu obscuro nascimento e passado. A luta ia começar. As armas seriam a sua beleza e viço de mocidade, o cenário e agitação da cosmópole niveladora, as luzes ofuscantes das casas e montras, os ambientes exóticos da plateias e clubes. Depois, como andara a servir em casa do senhor Abel, dono das terras em que vivia, estava munida dos mil pequenos nadas com que a gente se torna distinta.

No barulhento polígono de vivendas, em que foi habitar, o seu encanto captou a atenção de todos, e no minúsculo *room* havia todas as exigências de um espírito de bom gosto, desde as persianas cor de chumbo até aos lençóis brancos listrados de azul. O seu vestuário começou a servir de paradigma às vizinhas de pele tisonada e brilhante, que usavam sapatos altos quando iam ao bazar comprar carne para a ceia. Mári ofuscava os frequentadores das zarzuelas, os quais lhe tributavam respeitos como o faziam às grandes damas da sua terra. Era Mári quem escrevia cartas na vizinhança e lhes ensinava normas de bem-viver.

Mári estava por isso grata à bai Elena, a austera mulher do senhor Abel, seu *battcar*, a qual sem querer a erguera do nada e a transformara numa mulher distinta, respeitada e invejada. Era à bai Elena que Mári devia toda a glória, amor de António, um moço de sangue azul que a conhecera numa festa e prometera desposá-la.

O António! Como ele tardara! Prometera-lhe que naquela noite a levaria para um passeio de automóvel. Iriam primeiro à Marine Line para se amarem intensamente. Subiriam aos Jardins Suspensos, miradouro admirável e veriam a poalha das luzes envolver, absorver a cidade, e o próprio mar incendiar-se, transformar-se em oiro bailando em volta dos navios. Ali, naqueles alturas, a orquestra da cidade chegava em surdina, e nos passos dos que, muito juntinhos deambulavam, esboçavam-se evoluções de dança. Depois, como numa peregrinação etérea, percorreriam a cidade inteira a gozarem o prelúdio do casamento.

Por isso, nessa noite santa, brincava na alma de Mári um entusiasmo que, transbordando, se comunicava a tudo que a cercava. A voz odiosa e anasalada do vendedor de sumo de cana soava aos seus ouvidos como uma acariciadora melodia de Sinatra escutada do Metro. Os eléctricos faiscavam e aquilo lembrava-lhe fogos de vista. Já agora não detestava o vermelho e o rubro dos turbantes formigando na avenida, porque essas cores casavam-se com a exuberância de alegria irrompendo o íntimo. Subiam balões no ar e descobriam-se visões caleidoscópicas nos edifícios fronteiros. E mesmo o cheiro habitual de manteiga e alho, que se desprendia da vizinhança, não lhe provocava, como noutros dias, um grande desejo de ser ir dali para outra parte.

Como António tardava!

De súbito, um automóvel parou lá em baixo e António subiu ofegante os três lanços da escada.

- Anda Mári! Tardei um pouco – gritou – Sabes porque?

- Não sei. Mas vamos.

Não sabes! É minha tia que chegou hoje. Está lá em baixo no automóvel. Veio ver como nós celebramos o Natal e também para assistir ao nosso casamento. Está desejosa de te conhecer.

Ela foi mais uma vez mirar-se ao espelho, passar o vermelhão pelos lábios e o pente pelo cabelo. Depois desceram a escada, prometendo-se mais uma vez, na semiobscuridade do corredor que se haviam de amar sempre, sempre.

António abriu a porta do carro e ambos entraram.

E foi então que Mári, estarecida, conheceu que a tia do António era a bai Elena.

Natal! Natal! Os sinos começaram a cantar a sua enternecedora canção. No ar pairava a comoção cujas asas cobriam os homens e as coisas, porque os homens tinham ternura nos olhos, e o orvalho não desbotara as lanternas. Só Mári, assolapada no seu quarto com persianas cor de chumbo chorava a sua desdita. Caíra vencida na luta e convencia-se de que nunca mais se poderia erguer para pegar novamente em armas.



Fátima Bettencourt

Nasceu em S. Antão, mas foi em S. Vicente que cresceu e estudou no Liceu Gil Eanes. Em Lisboa formou-se como professora, profissão que exerceu em Portugal, Guiné-Bissau, Angola e principalmente em algumas ilhas de Cabo Verde tendo terminado a carreira docente na Rádio Educativa, na Praia. Paralelamente exerceu como jornalista radiofónica e na imprensa escrita como colunista. É membro da Associação de Escritores Cabo-verdianos e membro fundador da Academia Cabo-verdiana de Letras. Foi galardoada com o Prémio Eugénio Tavares da Crónica Jornalística em 2006. Condecorada em 2005 pelo Governo de Cabo Verde com a Medalha de Mérito Cultural e em 2010 pelo Presidente da República com a Medalha do Vulcão pela sua atividade na área da cultura. Tem ainda alguns contos premiados em vários concursos. Principais publicações: 1994 – Semear em Pó (Contos), 1996 – A Cruz do Rufino (Infanto-Juvenil), 2001 – Um Certo Olhar (Crónicas), 2006 – Mar- Caminho Aduado de Esperança (Contos), 2008 – Lugar de Suor, Pão e Alegria (Crónicas), 2010 – Claridade – A Palavra dos Outros (Recolha de críticas, artigos e estudos sobre o Movimento Claridoso), 2016 – Prosas Soltas (Compilação), 2019 - Sonhos & Desvarios (Contos), 2020 - O Sapatinho Mágico (Infanto-Juvenil).

A CRUZ DO RUFINO

Rufino perdera a mãe quase ao nascer. Dela só guardava uma vaga recordação e um crucifixo de madeira negra, sem Cristo e suspenso do pescoço por uma tira de pele. Por nada deste mundo Rufino se separava dessa recordação, pois convencera-se de que o objecto lhe dava sorte.

Pai, nunca conhecera. O povo da ilha dizia que fora um marujo loiro que passara pelo porto e morrera numa briga no Lombo. Eram histórias que ninguém conseguia confirmar, pois sempre apareciam outras versões da sua paternidade. De qualquer modo, de algum lugar teriam vindo àqueles olhos azuis e o cabelo avermelhado.

A imagem vaga e nebulosa da mãe, que de vez em quando lhe aparecia, era a de uma mulata de grossas tranças e mesmo essa imagem fora criada pelas descrições das pessoas que haviam conhecido Djódja. Mano Lela, então, não parava de falar da Djódja, moça bonita que ele bem conhecera e de quem gostara muito, infelizmente sem ser correspondido. Djódja fora muito preferida e certamente não iria escolher aquele pescador que de seu, só tinha o bote remendado, a Praia de Bote e o manto da noite. Adoptara Rufino, que andava abandonado, mais como uma forma de continuar a amar a inesquecida Djódja.

Mano Léla sentia o peso da responsabilidade das duas barrigas para sustentar: a dele e a do Rufino, que também criava na Praia de Bote e era o menino de todos os pescadores. Quando Mano Léla ia para o mar, Gregório ou Djosa tomavam conta do Rufino, velhos e curtidos homens do mar transformados em ternas mães que davam de comer e contavam histórias para o menino adormecer.

Mas um dia, por uma distração incrível, todos partiram para a pesca e Rufino ficou a dormir dentro de um bote amarrado a um dos coqueiros da praia. Acordado pelo sol que lhe batia no rosto, percebeu que estava sozinho e na sua frente se estendia a Baía do Porto Grande, o mar sereno como um lago e ao longe, no Monte Cara, uma bola de fogo.

- Que bonito! Nunca vi nada assim! E tem alguma coisa ali que me está a acenar. O que será? Vou ver.

E Rufino entrou pelo mar calmo e sereno da Baía e foi andando, andando até que não viu mais a bola alaranjada. Ele, que nunca tivera uma bola em toda a sua vida, queria tanto aquela...

Olhou à sua volta meio desencantado e nisto ouviu uma voz que o chamava baixinho:

- Rufiiiiino! Rufiiiiino!

Virou a cabeça e viu-a sobre as águas, os longos cabelos, os seios nus e redondos, a longa cauda de peixe coberta de escamas prateadas. Perplexo perguntou:

- Quem és tu?

- Sou a Sereia, a rainha destes mares. Vem comigo, vem.

Rufino achou-a tão linda e sedutora, deu-lhe a mão e partiram mar a fora.

Andaram muito sobre as ondas, encontraram mil peixes, baleias e tubarões, cavalos marinhos, conchas e búzios de estranhos feitios, mas de repente o céu escureceu. Era uma tempestade. Chuva, relâmpagos e ondas encapeladas rugindo bravias.

Rufino aconchegou-se nos braços da sereia e ela logo começou a cantar uma bonita canção, tão bonita que Rufino ficou maravilhado:

- Porque estás a cantar no meio de um temporal destes?

- É para acalmar as ondas. Elas me ouvem.

Então, se te ouvem, quer dizer que deves saber por que estão zangadas.

- Claro que sei. São uns estranhos que chegaram aqui sem avisar. Mas desta vez creio que se trata de uns estranhos especiais. Vamos ver.

E entrando pelo nevoeiro adentro, viram um barco a lutar contra a furia das ondas. Madeiras, cordas e velas rangiam, resistiam bravamente. Então a Sereia, com a sua voz de encanto que se ouvia em qualquer ponto do oceano, falou:

- Quem está a bordo?

Um marinheiro apareceu agarrado a uma corda, perscrutou a bruma e respondeu:

- Sou Diogo Gomes mais os meus homens. Apanhamos uma tempestade nunca vista e estamos sem água nem comida. Estamos desesperados. Não sei que contas prestar ao Rei de Portugal.

E a sereia amável:

- Ah! Vocês são portugueses! Então não são estranhos, são amigos. Sejam bem-vindos ao meu reino.

E voltando-se para Rufino:

- Mostra o caminho ao amigo Diogo.

Rufino, perplexo, ficou por um instante atrapalhado, mas nisto lembrou-se da pequena cruz que trazia ao pescoço e que sempre lhe valera nas suas aflições, pegou nela e estendeu o bracinho para o alto, dizendo:

Diogo segue esta cruz que ela nunca falha.

E lá foram mar afora, direitinhos como se numa estrada estivessem, até chegar a uma baía de águas mansas, azuis e transparentes e logo pisaram as areias quentes da praia cheia de coqueiros de onde pendiam muitos cocos que ali mesmo mataram a sede aos naufragos.

- Acorda, acorda menino. Ainda estás a dormir?

Era a voz do Mano Léla que, ao voltar da pescaria, tarde de noite, se dá conta que Rufino nem sequer comera o arenque frito que deixara para ele na marmitta.

Rufino acorda estremunhado, esfrega os olhos e olha para Mano Léla à luz duma lamparina de petróleo amparada do vento por uma lata velha.

E começa a falar dumas coisas que para o velho pescador não faziam o menor sentido:

- Onde está a minha amiga Sereia?

- E os navegadores que apanharam o temporal?

Mano Léla não entende nada e, colocando-lhe a mão na cabeça num gesto repassado de ternura, diz-lhe:

- Sabes Rufino, acho que apanhaste muito sol que não te fez bem. Estás a falar só paracisma

Abraça o garotino e agasalha- o do sereno da noite com o seu velho casaco de malha grossa e vai contando:

- Rufino, hoje por um pouco ficavas sem teu Mano Léla. Eu mais Gregário e Djosa apanhámos um temporal para lá do ilhéu como nunca vi na minha vida. Um tempo escuro, chuva, vento, relâmpago... E aconteceu uma coisa muito estranha. Pareceu-me ouvir a voz da Djódja a dizer-me: "Toma conta do Rufino! Cuida dele como se fosse teu filho"! Fiquei tão impressionado e, pior, foi que Gregário e Djosa não ouviram nada. Não sei como, aquele temporal, assim como apareceu, desapareceu também e voltamos para terra.

Interrompeu o que estava contando, porque o corpinho pesado e a respiração regular do Rufino fizeram-no sentir que ele já tinha pegado no sono de novo. Olhou para ele com muito carinho e viu que entre os seus dedinhos segurava a cruz de madeira que fora da mãe.

In: A Cruz do Rufino- por Fátima Bettencourt. Embaixada de Portugal em Cabo Verde- Centro Cultural Português. Praia- Mindelo.





Fernanda Dias

Reside em Macau desde 1986. Mestre em Comunicação, Cultura e Artes, Especialização em Estudos Culturais, pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Portugal. Publicou poesia, ficção e tradução em coautoria com a investigadora Doutora Lee Shuk Yee. Manteve paralelamente actividade como artista plástica O mais recente livro de poemas, O mapa esquivo, tal como as obras anteriores, inspira-se na cidade de Macau.

O MAPA ESQUIVO

I
Vivo aqui nesta luz de assombro
vendo na curva plácida do delta
a miragem dos palácios demolidos

águas ocres que se entregam
ao mar levando com suas lamas
gotas rubras acesas, outras lágrimas

vejo da janela esquivos vestígios
rasuras, riscos
ilegíveis sinais num mapa antigo

A cidade onde moro tem cabelos de obelisco
corpo fremente de gentes e tumultos
seios de ouropel, púbis de arvoredos
um rio de seda líquida em torno das ancas

À noite não dorme, rumoreja
labuta estremece e pragueja
ergue ao céu um torso todo verde
e nele como sobre uma mesa
os deuses jogam estrelas e destinos

Aqui a poesia me exaspera
linha que não entra na agulha
palavra escusa debaixo da língua
pluma azul de pássaro nunca visto
indizível maravilha morta
flor seca entre páginas de um livro

Assim como estas ruas e praças
da cidade tristíssima e soberba

prenhe de memórias desprezadas
a rebentar pelas costuras delidas
como uma velha cabaia de renda
no corpo de matrona nova-rica

Para sempre recordarei o mosteiro Kong Tac-lam

A monja varia no pátio as flores de frangipania
com vagar e rigor movia a vassoura de juncos
como se nada houvesse fora e dentro dos muros

A humildade ou os anos tinham curvado o torso
outrora esguio como haste de salgueiro
o semblante tão perto do chão que varria
atento a um rumor, ou a uma escrita
triumfo palpável da quietude
no seio tumultuoso da cidade

Para sempre amarei a memória das manhãs
no pátio do mosteiro Kong Tac-lam
a venerável monja varia flores caídas
com uma vassourinha de juncos secos

A humildade ou os anos curvaram-lhe o porte
inclinaram para o solo o rosto atento
como se escutasse debaixo do lajedo
o triunfo da quietude no seio do mundo

[...]

in: O mapa esquivo, "Crónicas de um diminuto
pedaço de chão", Livros do Oriente, 2016

JOÃO, MANOEL E DEREK

Quando vem seca, estiagem brava,
João Cabral disseca a pedra, o fósfil.
Da pedra cavernosa, a lapidação
Do capibaribe em pleno sertão.

Quando vem chuva, céu a desabar,
Manoel usa, desusa, parafusa e torce,
Retoca e retorce, embebe a palavra.
No pantanal até virar rã.

Derek, poeta atirado ao eterno retorno,
Traça odisséia no pequeno mar do caribe,
Capaz de destilar Ulisses em rã e sertão...



Filinto Elísio

É poeta, romancista, jornalista e ensaísta cabo-verdiano. Escreveu alguns livros, com destaque para “Do Lado de Cá da Rosa” (poesia), “Prato do Dia” (crónica), “O Inferno do Riso” (poesia), “Das Hespérides” (miscelânea), “Das Frutas Serenadas” (poesia), “Outros Sais da Beira-Mar” (ficção), “Me_xendo no Baú. Vasculhando o U” (poesia) e “Zen Limites” (poesia). Filinto Elísio igualmente organizou o livro “Cabo Verde: Trinta Anos de Cultura” e co-organizou “Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena: a outra face do Homem”, “Claridosidade: Edição Crítica” e “Itinerários de Amílcar Cabral”. Membro e fundador da Academia Cabo-verdiana de Letras, ele é editor na Rosa de Porcelana Editora e organizador do Festival de Literatura-Mundo do Sal.





Henrique Levy

É poeta e romancista - portador de uma identidade com várias pertenças. Cidadão português, nascido em Lisboa, com nacionalidade cabo-verdiana. Viveu em diversos países da Europa, Ásia, África e América. Reside, por opção, nos Açores, ilha de São Miguel. É autor de quatro romances: *Cisne de África* (2009); *Praia Lisboa* (2010); *Maria Bettencourt Diários de Uma Mulher Singular* (2019), *Segredo da Visita Régia aos Açores* (2020). É autor de seis livros de poesia, *Mãos Navegadas* (1999); *Intensidades* (2001); *O silêncio das Almas* (2015); *Noivos do Mar* (2017); *O Rapaz do Lilás* (2018); *Sensinatos* (2019). Editou, em coautoria com Ângela de Almeida, em 2020, o livro de poemas, *Estado de Emergência* (2020). Editou e anotou *A Sibylla - Versos Philosophicos*, 2020, de Marianna Belmira de Andrade, cuja primeira edição data de 1884.

COMÍAMOS PÃO JUNTO AO MAR

(a Augusta Bastos)

comíamos pão junto ao mar.

falávamos das nossas mães, dos instantes inesperados,
guardados na alma fechada por pássaros sem ar.
por nós passava o esfaimado gato de um pescador...

oh! tem fome, precisa de cuidados, clamavas de mãos erguidas ao céu onde as mães dormem
na dor do morno azul que não pinta o mar, mas cerca as casas onde um dia felizes morámos.

na vida, compartida a oriente, onde nascia a infinita luz que se
prolongava pelo estuário de um rio, pérolas alcançámos.

passavas a mão nos meu cabelos longos, desalinhados. soluçavam os teus
olhos presos ao gato que ao longe se afastava devagar pelos quintais.

sabes, viemos celebrar a amizade das noites orientais, lembravas.

no teu peito de marfim, a inquieta incerteza prolongava pela cidade os dias vastos de vitórias.

adormecidos no leito da memória, revivíamos a idade que avança.

comíamos pão junto ao mar.

invocavas a voz das árvores, enquanto desfazia a tua trança
enlaçada pelo perfume das flores de jasmim.

no silêncio do vento pairava uma ave. o mar uma canção
entoava, eram as mães, o seu amor rezava sobre nós.

lança o imenso oceano um entardecer de luz lilás, trazendo figos redondos às
nossas mãos sem pão, enfim curvadas nas saudades dos desvelos das mães

pelos nossos cabelos...

Henrique Levy, *O Rapaz do Lilás*, Confraria do Silêncio, 2019



Hirondina Joshua

Nasceu a 31 de maio de 1987 na cidade de Maputo. Membro da Associação dos Escritores de Moçambicanos (AEMO). Tem participado em revistas, jornais, blogs, antologias, festivais, colóquios, nacionais e internacionais. Co-redatora da revista portuguesa "Incomunidade", tem um projecto de divulgação de textos e conversas com autores lusófonos na plataforma Mbenga de Moçambique. É colunista da revista galega palavra comum, onde escreve ensaios sobre a arte da escrita.

PLEURA

1.

Couças abertas no primeiro do último século. Órgão cimentado rubro. Como no princípio: a dor era parte inferior. Criaram um nome para tapar os buracos: chamaram-no coração. Veio o tempo que é enganador. Soprou sob os rostos das mulheres primeiro: fez delas coisas impraticáveis. e depois foi no olho esquerdo dos homens: os fez secretos. Foi para as crianças criou a eternidade dentro. o coração verga – disse o X. era preciso um órgão que fosse seguro. Atento aos delírios da visão.

2.

Olharam-se: os únicos feitos para a sorte. Caminharam endireitados sem saber onde se tinham escondido os ouvidos. Os pés alados sofreram a pressa do sopro vindo das pedras. - para que servem os dedos? o mundo é um espelho centrado, ofusca as mãos.

(uma voz diz): entra na porta transfigurada, força vulcânica. Pulmões no clarão agudo da morte.

Entras na destreza das coisas com as glândulas por fora: invasão surda. Imóvel. Entras na carne da razão com a luz apagada. Sabes e sabes que a luz apagada é a mais acesa. Pela pálpebra entras no interior do redemoinho ou na ferida hermética.

3.

Foi naquele dia em que o céu caiu para receber o poema da ditadura. as vozes dos homens amanheceram, quem podia cantar cantou. Continuam eles à procura do órgão. – façam o que quiserem, dei-vos a liberdade. Os cegos inundaram as vísceras. Os surdos enlouqueceram. o mistério deambulava no órgão primário. Ossos do órgão podem se ver no firmamento.

4.

O mundo faz barulho à procura desse animal. Ele que sobe e desce nas alturas supostas pelas grandes tempestades. Deus vê as caras brutas dos sentimentos, perdoa e continua... O animal geme de fome. Na nuca tem água violenta. Sede mais antiga que o corpo com todas as distâncias da terra. Esse animal universal concentrado na insónia arrasta para fora a estação circular das poças. Veda a treva e a luz no mesmo saco. Belo clarão o que se faz por cima das entoações secretas.

5.

Uma fotografia guiada por uma criança, - dizem a única que pode ver o animal: "era uma árvore rosada, com ramos magros altos oblíquos, em cada ramo havia um livro fechado na parte superior e noutros menores livros abertos. dificultavam o tórax, traziam abelhas nas flores rasas. como a árvore tinha olhos, o peso não se aguentava sob as pálpebras. por isso surgiram as membranas revestidas de leveza, pareciam esponjas. pareciam algodões."



Irene Marques

É Luso-Canadiana, escritora bilíngue (português e inglês) e professora universitária (Universidade Ryerson) onde dá aulas de literatura e escrita criativa. É doutorada em Literatura Comparada, tem mestrados em Literaturas Francófonas e Literatura Comparada (University of Toronto), bacharelatos em Literaturas Francófonas e Lusófonas (University of Toronto) e *Assistência Social* (Ryerson University). Já deu aulas em várias outras Universidades no Canadá incluindo University of Toronto e York University e em vários departamentos (Departamento de Inglês, Departamento de Português e Espanhol e Programa de Estudos Africanos). É autora dos livros de poesia *Wearing Glasses of Water* (2007, Mawenzi House), *The Perfect Unravelling of the Spirit* (2012, Mawenzi House) e *The Circular Incantation: An Exercise in Loss and Findings* (2013, Guernica Editions), da coleção de crónicas *Habitando na Metáfora do Tempo: Crónicas Desejadas* (2009, Edium Editores) e do romance *My House is a Mansion* (2015 Leaping Lion Books/York University).

CORPOS ENCARDIDOS DE SÉCULOS

Aquela rapariga lia sempre muitos textos encardidos de muitos séculos: bíblias, sermões de Paulo e de Pedro e aqueles feitos aos peixes de António Vieira, como se a língua de uma e outra espécie fosse a mesma. Aquela rapariga estava sempre sentada no mesmo banco, assapada no mesmo cepo. O cepo, disse-nos a Tina Vallès, é uma árvore com a memória a descoberto.

Aquela rapariga chamava-se Habitada mas havia quem lhe chamasse Habitada pois vivia em terra onde sempre se arranjavam alcunhas ou sinónimos, terra de gente ciente que as palavras nunca diziam a verdade ou diziam-na através de embrenhados significados que tínhamos que procurar com muito cuidado por baixo do cerne da carne que nos adornava o corpo, corpo este camuflado por muita pele, camadas e camadas epidérmicas, tudo a esconder a verdade mais verdadeira. Mas também, se formos a ver, os nomes Habitada e Habitada não só rimam e são formados quase pelas mesmas letras, mas são também de muito parecida significância.

Uma mulher sempre a ler os mesmos muitos textos encardidos de séculos é uma mulher habitada por muita gente, muitas vozes de homens, deuses e diabos que contam sempre a mesma história sórdida sobre a mulher. Esta mulher é uma mulher habitada a ser vista pelos olhos do outro, aquele outro que, como nos diz Luce Irigaray, procura Deus e não sabe que esse Deus se pode encontrar na sua relação com a mulher, esse outro que ele renega e que vê como a antítese de Deus. Mas Deus pulsa no corpo da mulher e no do homem também, soubesse ele para aí virar-se e aí morar em vez de se perder em infinitos ausentes, percorrendo estradas sem fim, sonhando chegar à última curva, julgando que Deus e a sua perfeição de fato aí habitam.

Portanto a mulher, esta mulher, Habitada, anda sempre encardida com coisas que não lhe pertencem, habitada pelos olhos do homem, habitada aos olhos do homem. Esta mulher é uma sebenta de corpo e de alma, pesando todos menos ela própria, pensada por todos menos por ela própria. Esta mulher é habitada, habitada, uma encardida de séculos, de séculos e séculos, muitos e muitos séculos. Embrenhada numa desgraçada, desengonçada campanha milenar, militar, ela própria revestida com uniforme de camuflagem, de arma em riste apontando sempre para a sua espécie, disparando sem mais nem menos, destruindo as curvas e contracurvas que dão origem ao mundo. O puro prodigioso.

No outro fui a uma palestra e as mulheres que palestravam vomitavam os mesmos livros que engoliram ao longo dos séculos, de muitos e muito séculos. Uma, e foi esta que mais me irritou, disse com vozinha e cara de sonsa: a minha avó ensinou-me a ser boazinha. Aquela rapariga, que aliás já era muito senhora, estava sempre sentada no mesmo banco, assapada no mesmo cepo. O cepo, disse-nos a Tina Vallès, é uma árvore com a memória a descoberto. Ora esta memória não é a memória da rapariga, nem da mulher que já é, e nem sequer da sua tia ou avó. Esta memória não é uma memória memorável. Esta memória é um ato homo-social, individual, não trans-social, um umbigo vazio que olha para outro umbigo vazio que se recusa a aceitar que saiu de outro umbigo, descendente de uma linha maternal e muito material, de sangue, de corpo, de sexo, de carne.

Portanto, temos de discordar com a Tina Vallès: o cepo não descobre a memória, mas simplesmente chora por essa memória que nunca foi. Uma árvore que nunca chegou ao seu destino, porque foi cortada quando queria nascer.



Irene Lucília Andrade

Licenciou-se em Pintura pela ESBAL, em 1968. Nasceu no Funchal, Ilha da Madeira, onde vive. Data de 1968 o aparecimento do primeiro livro *Hora Imóvel* que foi prémio de Manuscritos de Poesia do SNI. Desde então as suas publicações diversificam-se por poesia, romance e crónica. Alguns títulos publicados: *Hora Imóvel*, Lisboa, 1968; [*O Pé dentro d'Água*, Funchal, 1980; *Ilha que é Gente (cantigas)*, Funchal, 1986; *A Mão que Amansa os Frutos*, Funchal, 1991; *Estrada de Um Dia Só*, Lisboa, 1995; *Protesto e Canto de Atena*, Leiria, 2002; *Água de Mel e Manacá*, Porto, 2002; *Os Sons Atrás do Mar* (disco compacto, Funchal, 2007). Na narrativa, publicou: *Angélica e a sua Espécie*, (romance), Ponta Delgada, Açores, 1993; *Porque me lembrei dos Cisnes*, (romance), Leiria, 2002; *A Penteada ou o fim do Caminho*, (narrativas), Leiria, 2004; *Crónica Breve da Cidade Anónima – Á Hora do Tor-do*, (narrativas) (Funchal, 500 anos), 2008; *Da Fábula ...ao Mote*, V. Nova de Gaia, 2011; *Um Lugar para os Dias*, (diário), Lisboa, 2013; *Sete Pássaros Sobre a Laguna*, (contos) Lisboa, 2020.

O CAMINHO

A cidade chegava até ali por poucos quilómetros de distância, mas o caminho conservava aquela atmosfera dos dias longínquos, em que a vida se fazia entre as liças da ribeira e a água da fonte. Era um tempo de andar a pé e, por isso, a cidade remetia-se para um caso de longa distância, onde, às vezes, se chegava de Horário, nome que se dava à camioneta que circulava de hora a hora e reservava-se apenas ao apelo de um ou outro evento raro - a procissão do corpo de Deus, o carnaval trapalhão, a ida ao mercado e ao circo pelo Natal, ou uma compra essencial nas lojas de retalho. A ida ao cinema era uma extravagância necessária, pelo menos uma, ou duas vezes por ano. A escola constituía a necessidade maior, para quem a terra significava o berço dos sonhos, mas não os planos do futuro. O resto eram as lides rurais, as leiras férteis, o amanhã das lavouras, a faina das regas.

E hoje, era o que se via: A cidade chegava até ali por poucos quilómetros de distância e o cômputo do tempo fazia-se à velocidade dos automóveis ligeiros e da nova estrada.

Pelo caminho fora, ela ia observando os locais das antigas moradias, a casa do vendeiro, a da vizinha guardadora de cabras, a do dono do boi cobridor, mais a da prima Glorinha, exímia bordadeira de enxovais e, ao cimo da ladeira, o pequeno palacete de três águas furtadas, pertencente ao habitante mais abonado do lugar. E a fonte. E a ponte sobre o ribeiro. Lá no fundo, entre silvas e alfavaca, havia o fio cristalino duma nascente que no verão dava de beber ao sítio, quando a água da fonte secava. O ribeiro corria ao lado e lançava-se na larga ribeira que vinha da serra e tomava o nome dos oragos das freguesias por onde passava, à medida que se aproximava da cidade e do mar: Santo António, São João e São Lázaro. Eram estes os sinais topográficos que demarcavam no mapa das memórias a fisionomia do lugar.

A atmosfera agora recuperada pelo silêncio do tempo e a curva do caminho, com a ladeira ao alto, reteve-a ali por uns instantes, naquele preciso local onde dantes era a casa da prima Glorinha e o balcão, herança que lhe coube pelas sucessivas mortes dos pais e das duas irmãs, com dois casamentos por conveniência familiar, que ali fizeram a vida e se mantiveram estéreis. Por passamento do cunhado de quem cuidou até ao último momento, Glorinha ficou senhora do espaço com muitas histórias por contar.

Glorinha tinha alguns atributos. Um rosto belo, activa e eficiente nos trabalhos caseiros, sabia dedilhar a guitarra e o fado saía límpido e trinado da sua voz afinada. Depois do bordado e das tarefas mais ligeiras, entre a colheita da erva para a cabra e a distribuição do milho na capoeira, subia até ao balcão, ao fim das tardes, ficava a olhar o caminho, onde esperava pela passagem do mundo. Lá vinham os homens das lojas e dos escritórios, os tanoeiros, os capelistas, as empregadas das fábricas de bordados. De regresso dos almoços, os carregadores de cestas, tarefeiros que transportavam as refeições para os que trabalhavam na cidade. Vinham também as mulas carregando nas corsas as pipas de vinho ou os sacos de víveres a distribuir pelas vendas de mercearia. A vida passava por ali. O balcão era uma janela voltada para o futuro.

Mas, traiçoeiramente, foi o balcão que marcou o revés, que desde a infância lhe traçou o destino. Um salto mal dado sobre um degrau, Glorinha rolou, desamparada e a perna direita dobrou-se pelo joelho, um subterfúgio para evitar a dor. O tempo era de mezinhas e curas caseiras, emplastros, unguentos, a dor foi passando, mas a perna ficou em angulo recto, com o joelho na frente e o pé voltado para trás. Contudo, superado o espanto e aceite a sentença da sorte, ela tornou-se na mulher operativa que todos conheciam. Apesar do apoio da muleta tornar mais lento o seu passo, ela deslocava-se com agilidade e o seu rosto ostentava o ar altivo de uma vencedora da vida.

Glorinha debruçada no balcão deu na vista dum rapaz bem parecido que passava todas as tardes a hora certa e a cumprimentava de modo especial. Um olhar mais demorado e repetido por alguns passos, uma conversa hoje, outra amanhã, o seu rosto tornava-se mais belo, com uma nova alegria e Glorinha levou o sonho mais alto, todas as energias se concentravam nos devaneios e perdia-se por caminhos claros de avassaladora felicidade.

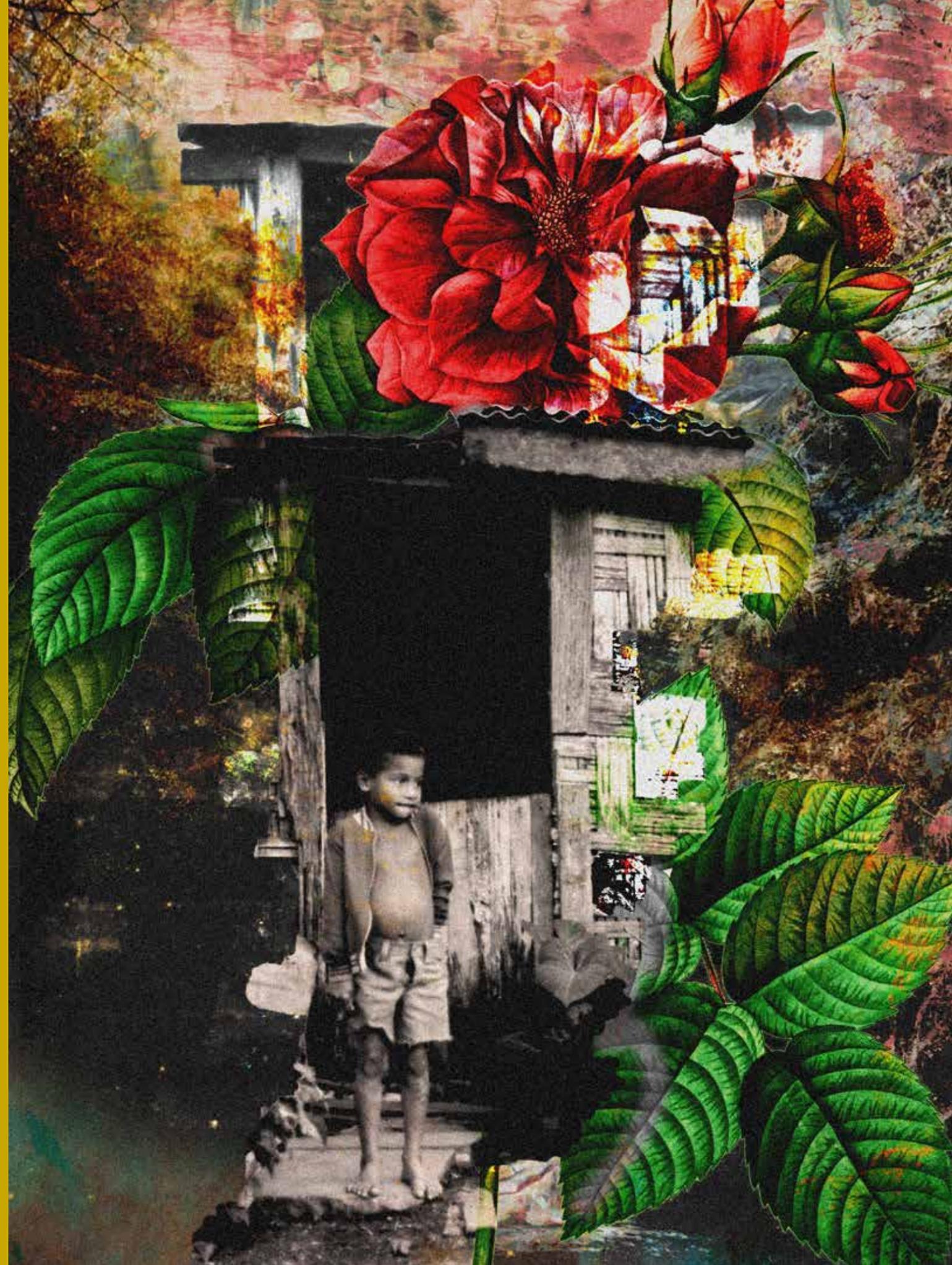
Nesse dia, a tarde era cinzenta, e, no momento em que o rapaz surgiu na curva do caminho, Glorinha não sabe que lhe deu, abriu o portão e abrigou-o das grossas bátegas que começavam a cair.

Debaixo do balcão, os dois, enquanto a chuva caía, Glorinha aparou, preocupada, um abalo de coração ao lembrar-se da sua perna estropiada. Que Santo António a ajudasse a perceber se era amor o que sentia, se devia ou não confiar no rapaz, que o Santo a iluminasse, se a perna torta não seria impedimento ao interesse dele e, pela primeira vez, ao fim de tantos anos, ela sentiu uma dor funda no seu aleijão. Se o seu destino era arrastar aquela entrevação sozinha a vida toda, que o Santo lhe respondesse, que depois lhe agradeceria.

Não tardou o tempo. O rapaz deixou de passar por ali. Em vão, várias vezes ela se pôs ao balcão, o seu destino cumpria-se, Santo António respondera-lhe.

No ano seguinte Glorinha saiu na procissão vestida de penitente, com um véu preto a cobri-la até aos joelhos. Agradeceu por ter recuperado a tranquilidade de coração e se ter desvanecido aquela dor de pena pela perna cambada, por ter voltado a ser aquela mulher activa, lúcida e decidida que sempre alimentara em si. Por momentos o manto preto escondera-lhe o rosto, para evitar que alguém pudesse surpreende-lhe uma inevitável lágrima calada.

Prima Glorinha voltou à vida da terra e do bordado, e, à guitarra, com meneios de arte e voz afinada, ouvia-se-lhe o fado, mais sentido, mais trinado, nas noites de serão com a família reunida e os vizinhos mais próximos, que a viram nascer e crescer naquela casa à beira do caminho, na colina de Santo António, sobranceira à cidade.







Luise Eru
Artista Visual Convidado

BIOGRAFIA

Olá, sou Luise Eru, nasci a 25 de Janeiro de 1998. As minhas colagens são uma forma de protesto que procuro transmitir os sentimentos gerados pelas vivências. Tento representar digitalmente a irreabilidade das minhas emoções, sem realmente saber como categorizá-las.

Como um jovem negro que vive em um caos político que parece que o ódio criou um perfil, tento criar imagens fortes que façam as pessoas pensarem que no Brasil a população negra é a maioria, mas também a mais marginalizada pelo Estado que os mata. Assim como os policiais do rio, mesmo com proibições de ações policiais nas periferias, crianças negras continuam morrendo em suas casas vítimas de “balas perdidas”, que só encontram carne preta.

No meu trabalho procuro falar sobre tudo o que pode interferir na minha realidade, sem perder o aspecto estético que representa a beleza que a cultura e a pele negra carregam. Misturando-me com momentos da minha vida que são atravessados por esta realidade cruel. Sou uma amante, romântica que romantiza todos os momentos da sua vida, descobertas pessoais que moldam minha personalidade e como elas viajam em imagens que são trabalhadas no meu caminho. Todas as obras, mesmo as mais recentes, derivam de cenas abstratas uma sensação de liberdade e beleza, transformando-as em sonhos. Lutando por tudo que já me foi negado, só porque não tenho as mesmas oportunidades de deixar jovens que podem escolher, sem desafiar sua sobrevivência, tornar-se um artista.



Isabel de Almeida Lima Lobo

Nasceu em Chimboa, Benguela, Angola, em 19 de Maio de 1957. Formada em Filologia Românica, na Faculdade de Letras de Lisboa. Mestre em Literatura Brasileira e Africana de Expressão Portuguesa pela Faculdade de Letras de Lisboa. Defendeu a tese de doutoramento em Ciências Literárias, *António Aurélio Gonçalves: unidad y contradicción*, na Universidade do Oriente/La Habana em Janeiro de 2012. Publicou em conjunto com Moacyr Rodrigues, *A morna na literatura Tradicional Caboverdiana*, um estudo sociológico (1998). Outras publicações: *Literatura caboverdiana: discursos de oralidad*. Actas de la Bienal de oralidad, Santiago de Cuba: Casa de África Fernando Ortiz, 2009, "Manuel de Novas, mornas e coladeiras". Crítica literária c/ Moacyr Rodrigues. In: Notícias. - Ano I, nº 1, 1987...

O LEGADO DE MOACYR RODRIGUES NA ILHA DE SÃO VICENTE

A obra de Moacyr Rodrigues é uma referência nos estudos cabo-verdianos, de onde se destaca o seu discurso, ancorado num compromisso intelectual pela causa cultural cabo-verdiana, muito particularmente pelas expressões mindelenses, forma muito específica de resgatá-las, registá-las e salvaguardá-las. Este discurso revela desde a partida o tema da identidade narrativa e pessoal do sujeito antropólogo Moacyr Rodrigues, no ato de (re) configurar o tempo da ação interpretativa sem descurar a ética da interação, da participação e da intervenção. O tema da identidade narrativa e pessoal é central no seu discurso, ditada por questões disciplinares, sim, mas também contextuais de um Cabo Verde, no caso Mindelo, de toda uma geração de intelectuais caldeada na reflexão dialógica (o eu-eu e o eu-intelectual) da sua alteridade sócio-cultural e na assunção de uma identidade muito específica no arquipélago.

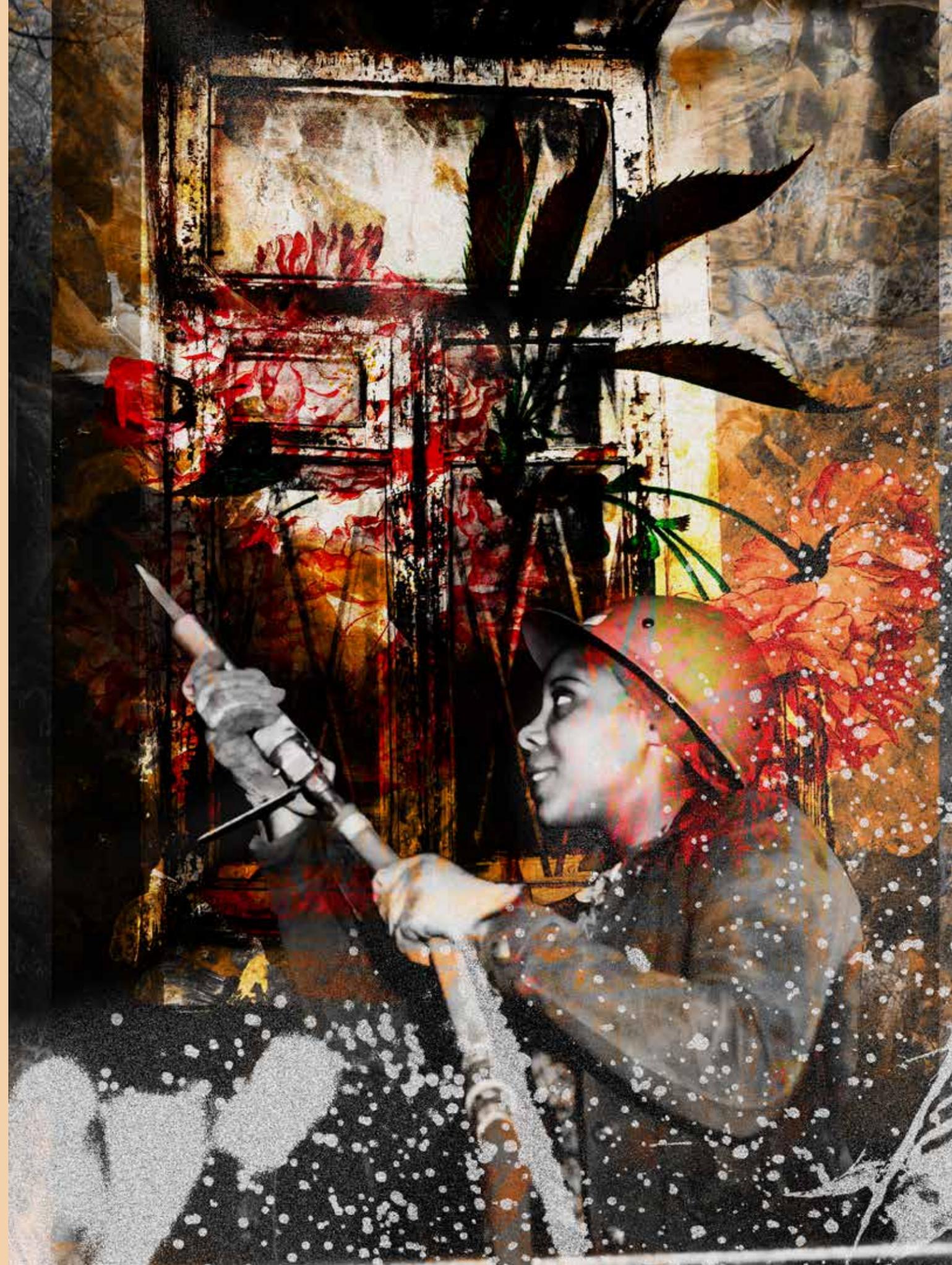
Como outros intelectuais de gerações sucessivas a partir dos anos 1930, Moacyr Rodrigues é intrinsecamente cabo-verdiano, cuja raiz bebe no Mindelo. Ao circunscrever as origens da cultura mindelense, nomeadamente às formas mais populares, da “Rua de Lisboa à Craca-Monte”, Moacyr Rodrigues coloca a tónica crítica sobre um espaço, que vivenciou, onde domina o homem trabalhador, de estrato popular, que nos seus tempos livres se exprime em formas como a morna, coladera, chistes, contos, lendas, em convívios à soleira da porta ou nos quintais, ou nas salas de baile, ou nos grupos de carnaval, ou de romaria e na Praça dos Aviadores. São histórias de vida que conhece bem, desde menino, e de que fez parte.

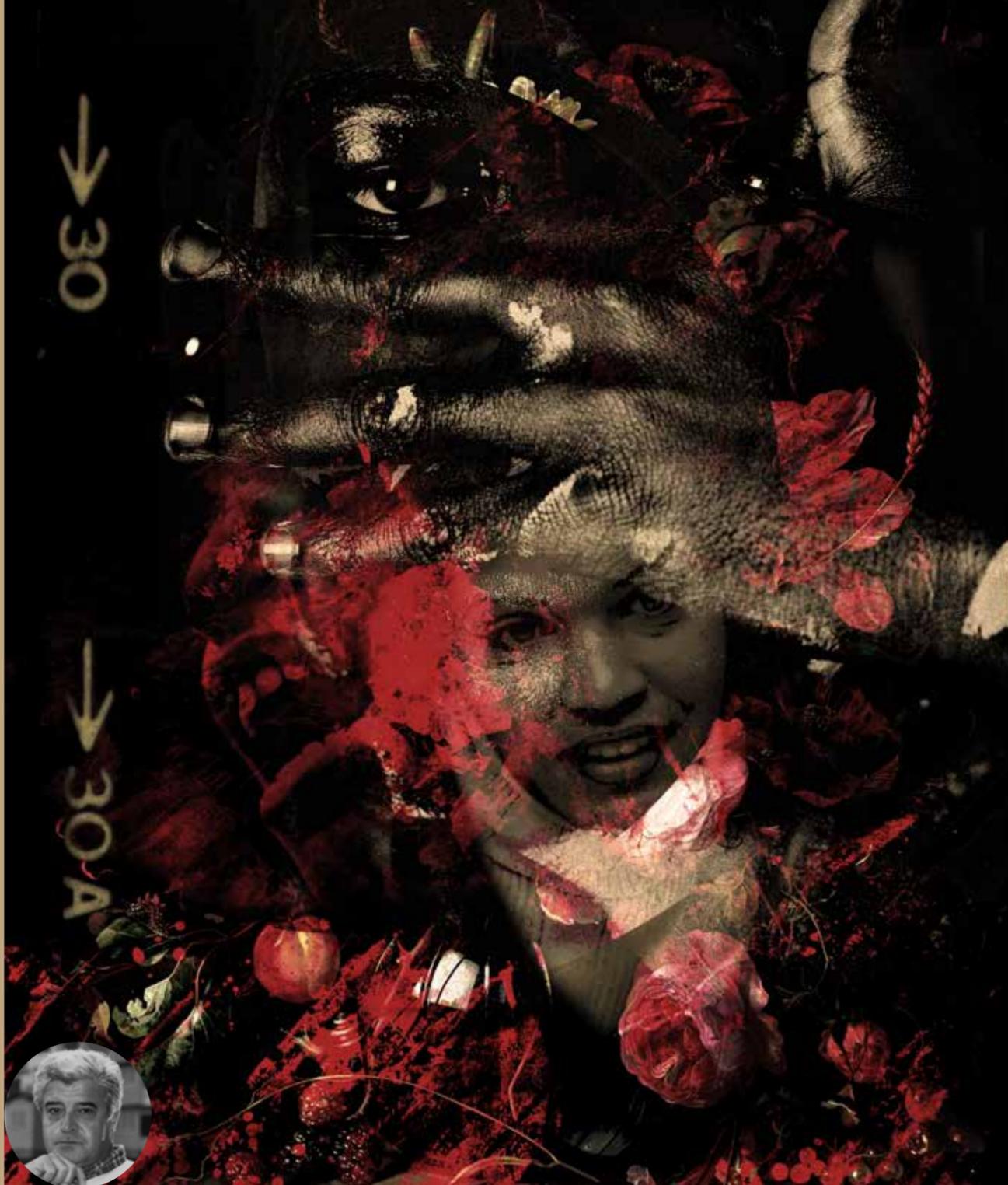
A morna na literatura tradicional (Rodrigues e Lobo, 1996) é o resultado da análise de textos, com base no *corpus* recolhido desde, pelo menos, os anos 70 até aos 90 (séc.XX) por Moacyr Rodrigues. Em 1986, por iniciativa da Professora Doutora Maria Lúcia Lepecki criou-se na Escola de Formação de Professores grupos de investigação na área da Literatura Cabo-verdiana. Moacyr Rodrigues e Isabel Lobo responsabilizaram-se pelo estudo da Literatura tradicional cabo-verdiana e pelo século XIX, após terem, nesse ano, no Seminário aos alunos do Curso de Estudos cabo-verdianos, v. português, EFP, exposto alguns critérios da periodização da literatura tradicional, no tocante à morna, com base na análise desse corpus de mornas (e coladeras).

Essa exposição serviu de base a um estudo mais alargado da morna (texto literário) e sua interação histórico-social. Um dos objetivos, fundamental para Moacyr Rodrigues, uma vez que nunca abdicou de sua função docente-pedagógica, era o de oferecer aos estudantes quer do ensino secundário como do superior um material de estudo sistematizado e analisado para melhor conhecimento da importância da literatura e cultura na formação identitária cabo-verdiana. É deste modo que o texto de “A morna na Literatura Tradicional” se divide em quatro partes: “Introdução geral”, “O estudo do texto”, “A história da morna” e Antologia, articuladas pelas questões teóricas, conceptuais como fatores que possibilitam a definição de uma periodização e interpretação da morna, uma relação dialógica dialética causa-consequência.

O papel da morna na construção da identidade nacional de Cabo Verde corresponde à última publicação em vida do Autor e à tese de doutoramento defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 2015. A concretização desta publicação, dois anos após a defesa, valeu a pena porque traz ao público um trabalho de investigação de mérito, que coroa o legado de Moacyr Rodrigues, de referência para os estudos cabo-verdianos, Insere-se numa continuidade quanto à valorização de todo património e legado histórico nacional de Cabo Verde; a obra acaba também por cumprir um importante papel no processo de candidatura da morna a património imaterial da humanidade e fornece preciosas considerações sobre o desenvolvimento da morna ao longo dos tempos, em contextos e locais diferenciados, traçando aquilo que seria uma historiografia e uma socio-musicologia e nela se encontra todo o percurso da morna, desde a sua origem, enfoque, autores e contextos.

O objeto de estudo é a morna nas suas dimensões diversas abordadas a partir da atual problemática teórico-metodológica cultural, muito especificamente da etnomusicologia, abordando conceitos de cultura, identidade, nacionalidade, intertextualidade desde uma perspetiva histórico-etnográfica, antropológica e da teoria da literatura. A diversidade de suas expressões tradicionais atesta como ela se move, constrói e desconstrói. Assim, Moacyr Rodrigues deixa através de sua obra todo um legado de várias décadas dedicadas ao ensino e à investigação, testemunho do seu compromisso intelectual sempre presente com a produção intelectual do conhecimento por e para o Mindelo e Cabo Verde.





Ivo Machado

Nasceu na ilha Terceira, arquipélago dos Açores, em 1958. Observando a secular tradição literária açoriana, publicou os seus primeiros poemas no final da década de 70 nos suplementos literários das ilhas, porém, o primeiro livro surge em 1981 e dele Fernando Lopes-Graça musicou sete poemas para canto lírico. Para além da Poesia (mais de uma dezena de títulos) tem publicada uma novela, uma peça de teatro e um livro infantil. Tem realizado ao longo destes quarenta anos de vida literária, ou dedicados aos livros, leituras da sua poesia em diversos países europeus e sul-americanos. Os seus poemas estão traduzidos em diferentes línguas como espanhol, italiano, bósnio, alemão, inglês, húngaro e letão, e incluído em inúmeras antologias nacionais e estrangeiras. Vive há mais de três décadas frente ao mar, num pequeno lugar dos arredores do Porto, e com o mar aprende o ofício de ajudante de mentiroso.

CINCO POEMAS INSULARES

1.

Vim até onde nada conhecem de mim
abri a porta e vi o sal
o mar onde a noite é eterna
vim até onde não possam saber de mim
abri-me à claridade
vi os navios
não sei de onde zarparam
parecem lírios
não vim sozinho
quando chegar o sono retornarei a casa
à casa com duas portas
a Tua e a minha.

2.

Nem os ratos escapam
à mentira
que nunca se esconde
como os navios de porões vazios
rimando entre apitos
antes de zarpar
a ira gera mentira
e faço de conta
que não sabia
como fazem os ratos.

3.

Venho de longe como o vento
nunca chego o mesmo
contraditório e sedento
não sei de quê
não o lamento
será sede
ou esquecimento?
metafísica, talvez

como a memória de quem fui
sendo, porém, o mesmo
o acervo no passaporte
certifica pai e mãe.

4.

Aqui toda a gramática e memória
de minhas primeiras edições
enquanto tudo espalmais
saúdo os pássaros de passagem
quando ontem lhes roubei os ninhos
aqui as chuvas que revivificam
o Sol na cal e a noite desmedida
livre de matéria
busco o primeiro amor
a forma do gesto para o silêncio
aqui as primeiras lições
a primeira rapariga, a primeira morte
a desordem
o desprendimento
livre de tanto rio e tanta ferrovia
tanto por aprender
tanta cidade continua pendente
pois nada quero até morrer.

5.

Este ofício lembra um notário
o ar que respiro não é palavra
sol não é palavra
canto de pássaro não é palavra
mar não é palavra
e tudo é excesso neste ofício do nada
que nada e a ninguém serve
nem às palavras
também elas excesso
basta o silêncio.



João Carlos Abreu

Nasceu em 1935 no Funchal. Viveu em Roma onde estudou jornalismo. Trabalhou nos serviços de Imprensa do Vaticano, durante o Concílio Ecuménico Vaticano II. Cursou Administração de Empresas, em Bolzano- Itália. Publicou 23 livros, poesia e prosa. Colaborou em revistas nacionais e internacionais, um doutoramento "Honoris Causa", em Ciências Sociais – Universidade "San Cyrillo". Possui algumas condecorações. É o único português que recebeu o Prémio Europeu "Lourenzo il Magnifico".

NEW YORK – NEW YORK!

Os pássaros
morreram
esta manhã
em New York
Manhã
cinzenta
provoca
deuses
que
ruas
acolhem
no teatro
da vida
Fumos
teimosamente
sobem
do chão.
O mistério
das personagens
na sedução
da cidade
"aves sem ninho"
na representação
da imensa
geometria
das ruas
paralelas
de olhares
espantados
desconfiados
porque
se rasga
nos céus
a vingança
das nuvens
insultadas
cobrindo
torres
gritantes

Esta manhã

Esta manhã
é
só minha
A possessão
ilusória
da manhã
cinzenta
será
verde
amarela
roxa
vermelha
todas
as cores
que
meus olhos
guardam
da noite
derramada
no dia
da Broadway

New York
é
alucinação
de quem
no medo
do espaço
ganha
a loucura
do enigmático
e
o inexplicável
existe
nesta loucura
que
fascina
sem
tempo
no
tempo

para começar
esta aventura

O
que
vem
depois
é
o arrepio
da manhã
fria
invadida
pelos
fumos
saídos
do rompante
dos
esconderijos
aquecem
passos
apressados
dos
embebedados
das madrugadas
dos trajetos
repetidos

Passos
ecoados
em mim
levam-me
à descoberta
das caras
colocadas
na cidade
milhares
espelhadas
na incerteza
dos percursos
dos vidros
corridos

metros X metros
de insistência
na duplicação
dos caixilhos
iluminados...
Levam-me
os passos
até
onde
a cidade
reflete
em si mesma
a sua alma
o
deslumbramento
dos retratos
expostos
na sala
sem medidas
o vazio
patético
das figuras
atropelam-se
nos degraus
nas escadas
de ferro
no cais
nas ruas.
A cidade
escapa
onde
a mesma
cidade
começa
na
liberdade
dos parques
West Side
o gigante
atraca
ao porto
quando
o mar
se enche
de água

e
os
poetas
emolduram
os sonhos
com
música
banjos
trompetes
violas
ornamentam
a alegria
com
abraços
wonderful
wonderful

O sorriso
branco
da mestiça
laços vermelhos
na cabeça
encaracolada
lábios grossos
New York
New York

Chuvosa
veste-se
de arte
em
Manhattan
cores
traços
formas
dizem
histórias
sem
nome
de
artistas
enlouquecidos
pelo
discurso
da paixão.

Esta cidade
sem limites
é assim
escraviza
quem
por ela
passa
na
5ª Avenida
flores
bandeiras
misto
de felicidade
grandeza
experimentadas
nos sorrisos
dos que
correm
arfando
com
a
manhã.

Esta
cidade
é assim
faz
da
realidade
das palavras
o
diálogo
dos sentidos
Os textos
queimam-se
nas
esquinas
velas
acendem-se
milhares
de mãos
explicam
esta
América

solidária
na dor
o
espírito
provinciano
suplantou
o
estrondo
do êxito
a razão
sem sentido
matou
o cantor
A
ingenuidade
de
querer
agarrar
com
força
as ruas
as praças
as casas
o
colorido
que
se espreita
mesmo
quando
a luz
não chega.
Liquida-se
a esperança
da
ressurreição
do
universo
vozes
configuram-se
no
grito
único
de
repulsa
milhões

aumentaram
assustadoramente
o bater
do coração

New York
New York
quiseram
roubar-te
Ladrões
Crianças
vagabundos
velhos
putas
músicos
poetas
escritores
artistas
deixaram
desenfrear
o pensamento
desesperado:
ódio
e
paixão
mascaram-se
nas
mortes
antecipadas

Cai
sobre
mim
a noite
revolta
amor
incompreendido
o dia
ah
o dia
foi
isso
o sopro
descomedido
da

ânsia
do
sonho
alimentado
New York
New York
perde-se
na distância
as cores
desvigoradas
das coisas
O que
fica
envolto
nos fumos
luzes
que
correm
nos placards
co-ca-co-la
Marilyn Monroe
Number one.
A população
que
não dorme
A inquietação
de amar
A loucura
acorrenta
à cidade
os "flashes"
descobrem
as ruas
as casas
e
os
olhos
dos
vagabundos
Ah
os olhos
dos vagabundos
trazem
retratos
da cidade...



Maria Elsa da Rocha (1924-2007).

Nasceu na aldeia de Aldoná, na então Índia Portuguesa e professora primária de profissão, Rocha começou a publicar contos na imprensa local goesa após a expulsão dos portugueses daquele território em 1961, sobretudo no jornal *A Vida* (onde 'Etê Etê Morhà' foi publicado em 1964). *A Vida* deixou de aparecer em português em 1967, mas Rocha continuou a escrever nessa língua ao longo da vida. Uma antologia dos seus contos, intitulada *Vivências Partilhadas*, foi lançada em Goa em 2005.

'ETÊ ETÊ MORHÀ (1964)

Dona Laura é, ou julga ser, uma senhora bem, da nossa sociedade; muito pedante e com grande lata para exibicionismo, compõe com requintes de arte as pregas do seu sari Katav. Virando-se e revirando-se à mesa de *toilette* de três grandes espelhos que reflectem a sua figura ainda com laivos de frescura, olha de esguelha a filha, refastelada no divã e adverte-a mal humorada:

– Não te vais arranjar ainda? Já sabes, hoje vais passar a tarde com a avó e dize-lhe que eu não te pude acompanhar porque tenho uma reunião de *Mahila Mandal*... Percebes?"

– Percebo, percebo que me mandas fazer o frete e vais para onde muito te apetece. E dizendo isto, a morena Fatiminha encolheu os ombros e, num gesto arrapazado, jogou o magazine para a mesinha de cabeceira que recebeu um choque de um abalo sísmico, derrubando os objectos aí colocados. Coçou com estilo a sua penteada grenha, segundo o modelo em voga para maiores de catorze anos, e plantou-se ao lado da mãe...

– Menina! – respondeu a mãe – Onde arranjaste tão lindas maneiras e como te atreves a pensar que eu não vou a essa reunião?

– *Saibá!* Eu não penso nada; só disse que me mandas fazer o frete! Acho que não há nada de mal em dizer isto... A avó já me disse que tu, quando tinhas a minha idade, ainda eras pior do que eu...

– Pois fica sabendo que ela não me aturou nem metade do que eu te suporte, bruxa!

Por resposta a jovem Fátima atirou um assobio de gaita de foles, seguido de um teatral *Saibá* que pôs os nervos da mãe em franja.

Contudo, a mãe da Fátima achou bem passar por cima daquilo e virou às recomendações:

– Toma sentido nos assuntos de que falas com a avozinha! Estás feita uma Maria portuguesa e isto pode aborrecê-la muito! Tens de ser mais calma e...

– Oh mãe, é o sermão de sempre, não?

– Quem devia fazer o sermão eras tu, pois não? Deves refletir no que dizes!

– Bem, *Saibá*, não te zangues!

– Não estou a zangar-me

– Mas parece!

– Não quero que faças má figura... Aqui D. Laura hesitou e prosseguiu como quem se aventura a escalar o Sidnath:

– De resto a avó é uma pessoa de outros tempos, não gosta de ouvir certas coisas e reprova-as embora pareça animar as pessoas a falar nelas...

– Mas isso não era só noutros tempos que se fazia, há muita gente que usa agora esse processo para tirar cagalhões....

– Vai, vai com esse palavreado para ao pá da avó! Ouve ao menos. Por exemplo, a tua avó não gosta de gente alcoólica, mas quando quer entusiasmar as pessoas a falar, oferece-lhes da sua garrafaria, que, apesar de tudo, está bem provida, e, se elas mostram apreciar os licores, insiste em que bebam mais, e fica a ouvi-las, mas no seu íntimo reprova-as, percebes.

– Ah! É só isso, tá descansada, mãe! – Aqui, a Fatiminha lançou mão ao crayon e brincou com as suas sobrancelhas almejando o dia em que poria o lápis de verdade no seu bonito rosto de pele de cetim.

– Tem juízo –olveu a mãe, agora mais tranquila – Se a avozinha te oferecer licores, já sabes que é para te soltar a língua e depois censura-me porque te eduquei mal..."

– Ora e depois?

– Depois vem para ao pé do teu pai e faz-lhe queixas, portanto o melhor é evitares isso; quando ela te oferecer licores pede-lhe que te dê Coca Cola!

Fátima riu-se muito diante daquela ideia de Coca-Cola e, ajeitando a bandolete pela décima vez, desapareceu como uma bólide para ir visitar uma pessoa que já era de idade avançada, que tinha uma bela garrafaria que gostava de tagarelar e que era sua avó.

É noite; depois do jantar, diante do pai e irmãos, D. Laura perguntou à Fátima:

– Então a avó estava bem?"

– Estava, *guê*, estava...

– Disseste que eu fui ao *Mandal*?

– Disse, *guê*, disse...

A mãe, algo alarmada, encarou com atenção a sua morena vergôntea e inquiriu já de pé para atrás:

– Houve alguma novidade? Não beberam *Coca-Cola*?

– Não-*guê*, não! A avó não quis, disse que dos fracos não reza a história!

O pai da Fatiminha deixou cair o *Times*, pasmado, enquanto a sua cara metade avançava precipitada:

– Deixa aquele *guê* e conta lá. A avó não te convidou a provar dos licores da garrafaria, pois não?

– Não! Não bebemos licor.

– Ainda bem... – disse aliviada D. Laura.

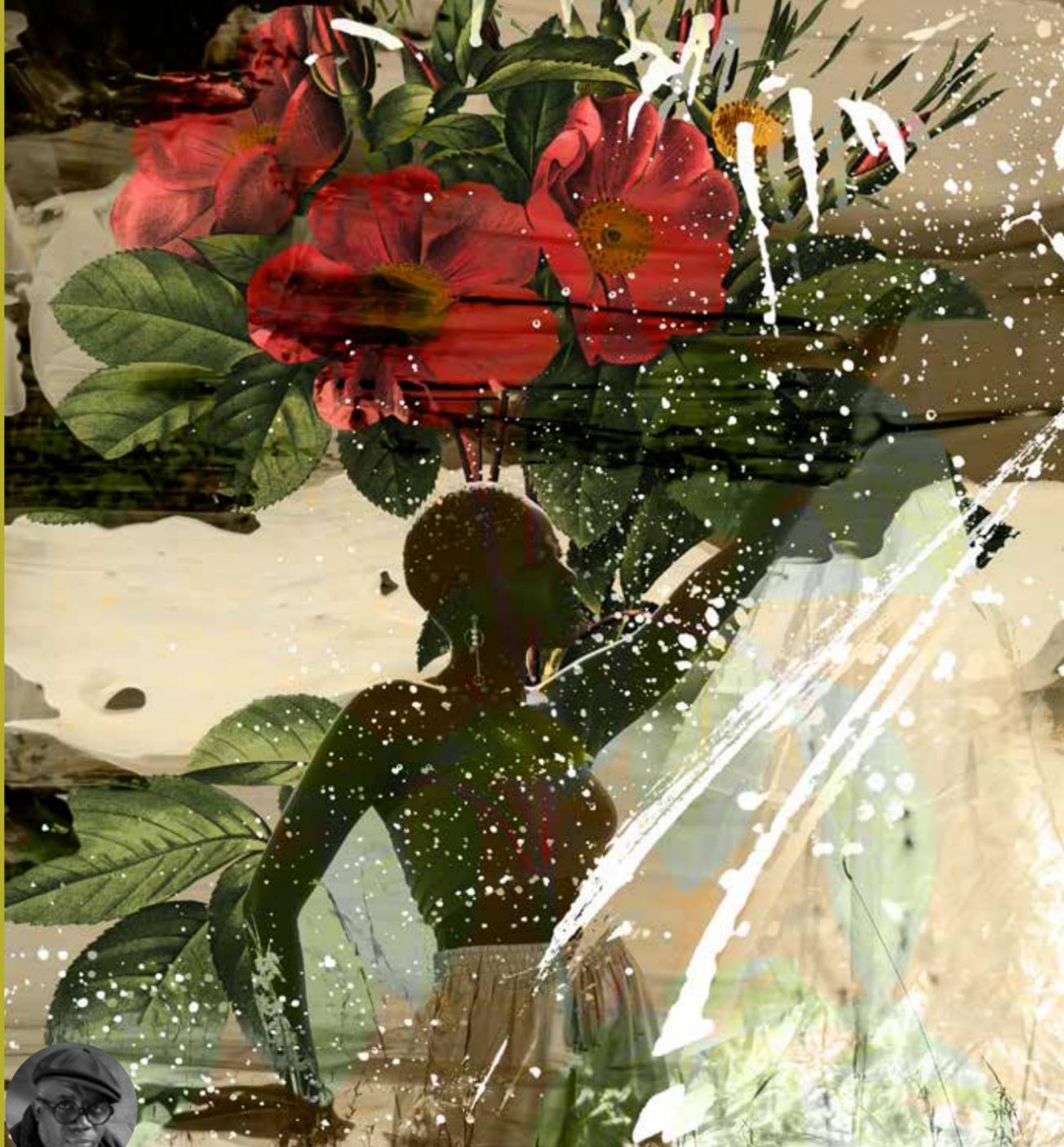
– Tomámos *whisky* puro e genuíno, as duas.

– *Whisky*? Alfredo estás a ouvir a tua filha?

– Não te preocupes, mãe, fiquei fixe como uma rocha e quem falou foi a avó. Calcula que até me contou que tu, levada por teu racial pedantismo, não deixavas que ela me embalasse em *concani* quando eu era bebé e, sempre que ela comesse a ensinar-me o tão lindo *été été morhá*, tu vinhas a correr tirar-me do colinho d'avó e começavas desafinadamente querendo imitar portuguesinhas: *Papãozinho, vai-te embora...* E eu punha-me a chorar porque não percebia o canto

– Na verdade, ninguém pode enganar a avó! – rematou Fatiminha, dando por findo o serão, enfiada num florido *babydoll* ante o ar miserável dos seus progenitores.





Lopito Feijó (João André da Silva Feijó)

Nasceu em Malanje, aos 29 de Setembro de 1963, Estudou Direito em Luanda, na Universidade Agostinho Neto (UAN). É deputado (reformado) da Assembleia Nacional da República de Angola. Como criador assina usualmente J. A. S. Lopito Feijó K. Poeta e crítico literário ensinou Literatura Angolana. Membro fundador da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL/1980), e do Colectivo de Trabalhos Literários OHANDANJI (1984). É membro da União dos Escritores Angolanos (UEA), onde exerceu o cargo de Secretário das Relações Internacionais. É membro do Grémio Literário em Lisboa e, é um dos membros fundadores, da Academia Angolana de Letras (AAL/2016). Desde 2004, preside a Sociedade Angolana do Direito de Autor (SADIA), dirigindo a Gazeta dos Autores, órgão de divulgação dessa instituição. Académico fundador (2014) da ALPAS 21 - Academia de Artes Letras e Ciências do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul- ocupa a cadeira número 1 para estrangeiros. Tem livros traduzidos para o francês, inglês e italiano e, Tem colaboração dispersa em publicações de Angola, Portugal, França, Espanha, Brasil, Estados Unidos da América (EUA), Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Nigéria, etc.

O TEMPO

O tempo é agora
Um tempo é sem hora
O tempo senhora!

O tempo é duro
O tempo é puro
É maduro e procuro.

O tempo cura
Dura e perdura
O tempo atura.

O tempo nos templos
É tempo de exemplos
E tempo de múltiplos.

O tempo tempera
O tempo de espera
O tempo é quimera.

Há tempo para tudo
Com o tempo estudo
Um tempo para o tempo!

SURPREEDENTE O TEMPO

Para além de proclamado juiz
O tempo é iluminado professor
Invisível e exemplar. Silenciosos.

Com ele apreendemos e compreendemos
Desprendemos entendemos e aprendemos
A ser melhores, surpreendendo-nos

Dando tempo ao próprio tempo
Cansado de escasso e pausado no espaço
De vinte e quatro soberbas horas de aço!

PACÍFICOS

Porque as águas do mar
Não secam a sede
Dos nossos irmãos d'além-mar,

Porque os ventos ao anoitecer
Não derrubam as árvores
Nem os mais simples arbustos,

Porque o bom do pescador
Desdenha a chuva a tempestade
E um desenhado sol ardente,

Porque as águas dos rios nunca
Mataram fome e sede com sermão
Católico ou altamente protestante,

E porque em época de seca
Fome e sede são voláteis brindes
De leda e maquiavélica seda.

No Atlântico no Índico ou
Pacificamente no Pacífico
No mar negro e mesmo no vermelho,

No rio tinto ou branco também
Tranquilas sementes de gente
RENASCEREMOS AO (R) ESISTIR!

Pude, por estes dias
 repor a oficina aos limites
 da verticalidade.
 operar mudanças de sistemas endémicos
 no laboratório-ocaso do pensamento,
 classificar temas por ordem de gravidade
 e elaborar relatórios de base
 retórico-científica
 preparados de modo a serem servidos
 à mesa da contemplação dos dias.

O método – mecânico – é tanto ou quanto
 sereno consoante o volume de tabaco ardido
 todas, todas, todas as Palavras em baforadas
 informes, quadrúpedes em bancos sentados
 com as quatro patas pendentes
 sobre o frontispício do ourives.



Maria Fernandes (Funchal 1983)

Desenvolve actividade profissional na área de gestão e produção de projectos e eventos culturais. Foi mentora e produtora do projecto “Brincos de Ponta – práticas do Património Cultural Imaterial de Ponta Delgada” e fundou em 2017 a associação ACANGA – A Cultura A Norte Ganha Alento. Criou em 2015 o periódico online. A Poética que tem publicado e divulgou até 2018 diversos novos autores da poesia contemporânea em Língua Portuguesa. Mantém o blogue de poesia “Ventos Obtusos” e colabora na edição digital da revista Umbigo onde tem publicado poesia criada a partir da imagem fotográfica em parceria com Fedra Espiga Pinto. Colaborou também com a revista online Lust e tem participado em diversas antologias poéticas, bem como em encontros de poesia e festivais literários internacionais. É, desde 2019, responsável pela curadoria poética da Feira do Livro do Funchal. Publicou em 2014 a edição de autor “Contemplações, Constatações e 30 Ventos”. Em 2019 organizou e publicou Mostrengo - antologia poética (Ed. Joias de Cultura) e “PROCESSO continuous: poemas mecânicos” (Poética Ed.). Publicou em 2020 “e nunca mais foram vistos juntos” (poética Ed.) em co-autoria com a fotógrafa Fedra Espiga Pinto.



TRAVESSIAS

Pus a mesa no meio do quintal
 Molembu se chamava a roça regada com sangue
 De meus antepassados
 Invoquei os meus mortos, os espíritos todos que me antecederam
 Chegaram primeiro os oriundos do sul do Sahara
 Do Gabão, da Libéria, da Mina
 Outros vieram das ilhas áridas outros das terras de D'Jinga
 E outros ainda para lá do Índico
 União de muitas raças e credos e danças
 Fado, marrabenta, puíta, manipuri
 Festa orgiaca que Sum Tômachi, o curandeiro
 Se comprometeu a montar
 Por fim vieram alguns do ocidente
 Lívidos e trémulos como a branca neve do seu longe
 Como o minuete de suas danças de salão
 E o choro da guitarra e da viola

A mesa estava posta
 Iguarias atapetavam o robusto tronco de mampiam que há muito alguém retangulou
 E os espíritos todos provaram e se deliciaram
 Cozido de banana, molho no fogo, vuadô travessá, pescada com todos
 Angu, d'jógó, cozido à portuguesa
 Cachupa, funge, muamba, arroz doce, canjica, paracuca
 E os acepipes eram por todos sobejamente conhecidos

cafukas arderam até à exaustão da luz
 Tremelicaram vozes em cânticos hossânicos
 Em uníssonas línguas que se enovelaram felizes
 E a torre de Babel ergueu-se una e majestosa
 Num pedaço de chão esquecido dos deuses
 Minha avó Dua espelhou seu rosto de água
 Em meu ombro anguloso e ressequido
 E feliz adormeceu



Olinda Beja nasceu em S. Tomé e Príncipe na cidade de Guadalupe. Muito jovem veio para Portugal onde estudou e se formou tendo sido professora do ensino secundário em Portugal e na Suíça. Desde 1992, já publicou 20 livros entre romance, poemas e contos com traduções em várias línguas. Detentora de vários prémios e distinções ganhou, em 2013 o maior galardão literário de S. Tomé e Príncipe com o livro "À Sombra do Oká". Esta obra tal como "Um Grão de Café" (livro infanto/juvenil) entrou no PNL de Portugal. Poeta, romancista, contadora de histórias, Olinda Beja divulga a cultura e a literatura lusófona em todo o mundo onde se fala a Língua Portuguesa.



À SOMBRA DO OKÁ

I

À sombra do oká repousarão meus dias atados em silêncio e em penumbra
 Será ali minha última casa, meu pássaro de fogo ancorado em meus lípidos ossos
 Dispersos ossos ao redor do coração do teu tronco
 Como algas que pernoitam em areais pardacentos
 Ali romperá a seda das manhãs dos muros brancos das
 Casas de Guadalupe
 Como roupa de lavadeira nas margens do Iô Grande
 E o lento fluir das horas dissipará o odor da noite em meu regaço
 Meu caule de fiá malíxia, minha folha de malimboque
 Não haverá mais sombras nos meus sonhos
 O velho ôká há-de proteger minhas estradas com seu manto de verde
 E rosa púrpura
 Ali ninguém mais se atreverá a negar-me o chão
 A negar-me a matéria, o húmus materno doce e quente e
 Quente e húmido
 O catre onde sempre estirei meu poema e minha mágoa e minha sede

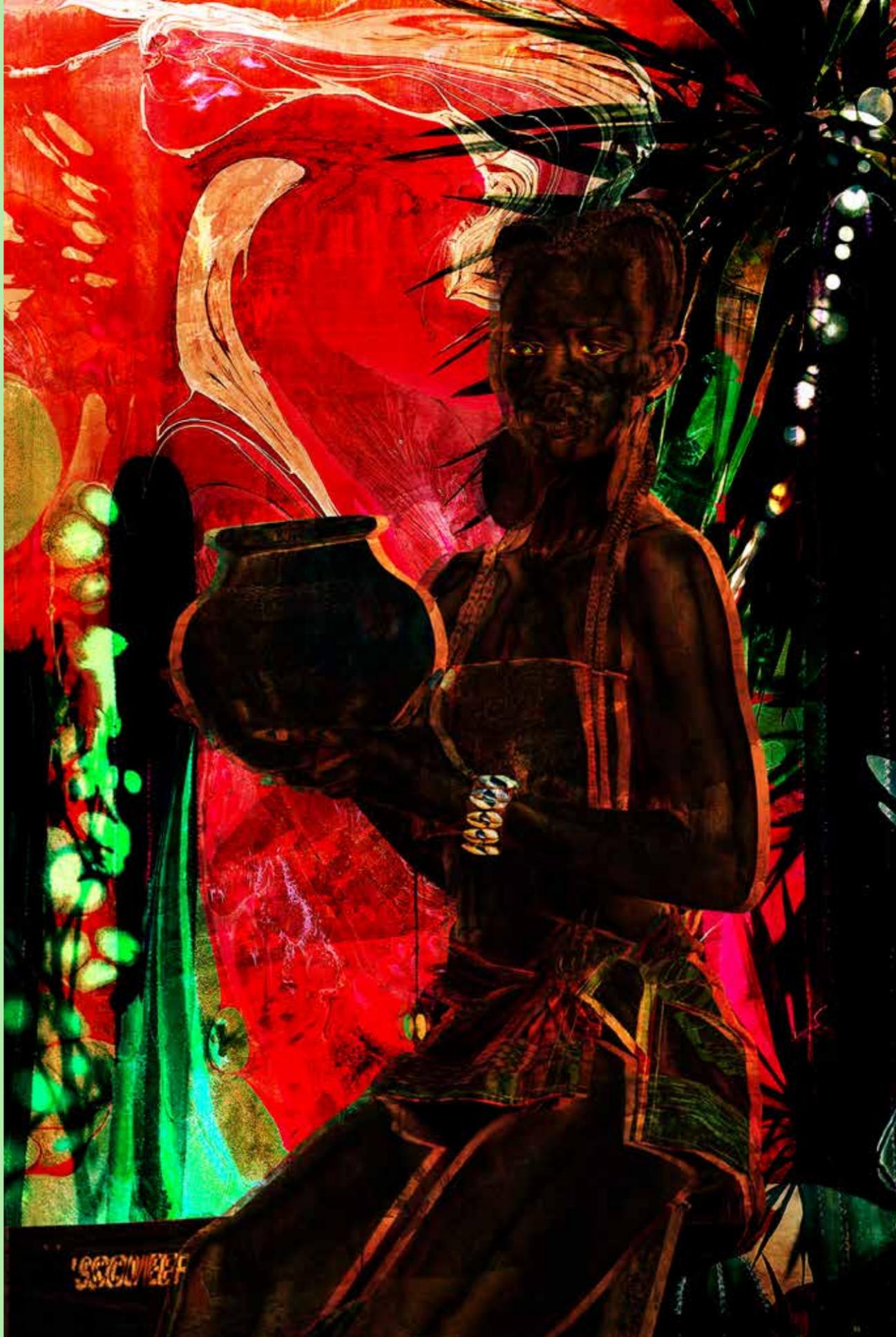
II

À sombra do oká se espelharão as águas
 De todas as ribeiras sombreadas de paz
 Cristalinas águas de pureza incandescente
 Minha fonte perene de alegria inacabada
 Nascente e foz onde outrora se desfizeram vidas
 E onde minha mãe cumpriu pagá deve

Floreados os caminhos de hibiscos cor de mar
 Fechar-se-ão todas as fronteiras à passagem do vento norte
 E os sonhos que ficarem traduzidos em aromas
 hão-de atapetar a terra cálida e verde- rubra
 Onde renascerão livres os avós de nossos avós

Ali desenharei o círculo de todas as marés cheias onde
 Se afundaram meus passados e futuros de vidas tão profanas
 Como grito de konóbia em seu cio de perdido amor

De todos os luchans chegarão crianças com olhos de luar
 E búzios e conchas em suas mãos sibilinas
 Entrarão no círculo à sombra do oká cantando e dançando
 Vivificando o sol como charrua a desvirginar o húmus. Perene
 Ficarà a juventude de meus versos.



Pedro Pereira Lopes nasceu em Moçambique, em 1987. Estudou Políticas Públicas na Escola de Governação da Universidade de Pequim e é professor e pesquisador na Universidade Joaquim Chissano, em Maputo. Escreve poesia, contos, relatos de viagens, ensaios e publicou um romance. Publicou mais de 10 livros, com destaque para a trilogia absurda das minúsculas, constituída por, nomeadamente, *o mundo que iremos gaguejar de cor* (contos, 2017), *mundo grave* (romance, 2018 – Prémio Literário INCM/Eugénio Lisboa 2017 e Prémio Bunkyo de Literatura 2019) e *mundo blue* (poesia, 2020). É fundador e editor da Gala-Gala Edições. Em 2019, em São Paulo, foi-lhe atribuído o “*African Writer Excellence Award*”.

ANJO GRAVE

os meus olhos me olham
a agonia é silêncio ávido
quatro olhos caiados de ilusão
e dormir não é mister

a noite é lentidão lentidão
a soledade das paredes
uma doença sobre o olvido
a rasgar minhas carnes

estes olhos não ouvem senso
demónios nas cortinas claras
ou o avesso da frincha na oficina
do poema – o coração coração

se choro calo o sonho na boca
a noite é país dos outros – do
anjo grave do artista desfeito
que cose pétalas para o túmulo

a luz cresce para amanhecer
o mistério reduz a infância
não há alma não há caos
por fora e por dentro do homem

POEMA DO FEIO

Sou feio. Não há eufemismo permissível
Sou feio e é tudo. Nem meio belo ou exótico
Ser feio é também ser bonito
Mas enquanto uns se roem com
exemplos de beleza
Ser feio é ser distinto – uncool e livre
Quando se é feio nada há que esconder
É-se verdadeiro
Está tudo impresso na fuça
Há beleza comum mas ser feio é ser autêntico
Não existem dois feios iguais
Não há repetição ou multiplicação
Ser feio é força substancial
Não se teme a sombra ou o destino
A velhice não gera pânico insanável
Nunca se tem medo de sorrir
ou pôr a língua para fora
Ser feio está sempre na moda
Não se tem aqueles vícios idiotas da beleza
Como se preocupar com a foto dos documentos
Ou morrer entalado com o próprio reflexo
Sou feio e a minha imagem não vale holofotes
Aliás – pode valer tudo mas perco nada
Eu sou feio e a feiura também é divina.
Ámen!

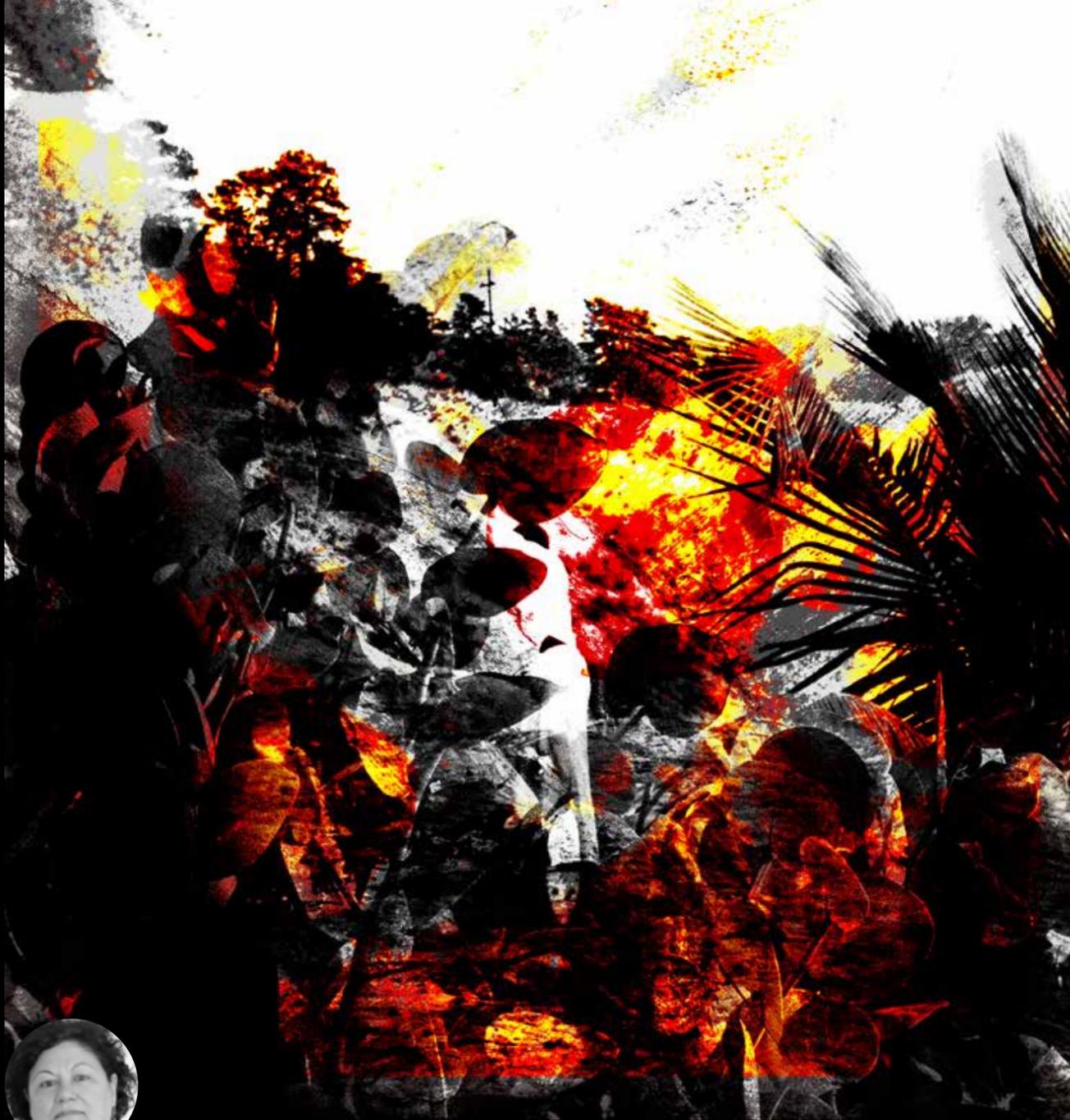
NÃO ERA UM POETA DE GRAVATA

de que morreu o homem?
 de utopia – era poeta civil
 viveu infiltrado – a “condensar o mundo num só grito”
 serviu desde que lhe foi diagnosticado o desassossego
 sem histórico de sangue caso isolado
 fruto de árvore nenhuma
 até lhe rasgaram a navegação –
 faz-se a vida com nós de gravata
 não de versos – mas preferiu a luna
 – qualquer astro alcançável não lhe valia a verdade
 tão-pouco um verso moscado ou felino
 armado no moleskine das mãos suadas
 “al fin y al cabo” era uma vida de pipoca e papo
 morreu devagar pois jamais lhe deliciou dormir.

GOSTOS NÃO SE DISCUTEM

eu gosto é de gente insana
 desmedida desvairada adjectivada
 gente bêbada assanhada devassa
 gente que namora um quadro horas a fio
 gente que naufraga em janelas versos marte
 gente que fuma canta e manda tudo à merda
 gente que gosta de cartas sol e sandálias
 gosto de gente de esquerda de asa delta desta malta
 gosto de anjos disfarçados e amigos do garfo
 gente que ouve chopin seu jorge e bob marley
 gente de mochila cabelo desgrenhado café
 gente sem umbigo inimigo ou religião
 gente sem medo da tradição papão ilusão
 eu gosto é de gente lunática platónica enigmática
 gosto de gente – afinal – que aprecia pirilampos
 dito assim – pode até causar espanto
 pode até ser uma questão de estética vazia –
 mas gostos são gostos – não se discutem e ponto final.





Regina Correia (Maria Regina Fernandes Correia)

Concluiu a Licenciatura em Filologia Germânica (1979), pela Faculdade de Letras de Lisboa. Professora do ensino secundário em Angola (1973-1975) e em Portugal (1975-1980; 2007/08) e docente de Língua e Cultura Portuguesas em Estugarda (1980-1984) e em Hamburgo (1993-2007; 2008/09), onde desenvolveu e participou em alguns projetos de divulgação da Literatura e da Cultura Lusófonas. Desde 2009, em Portugal, participou (em) e coordenou recitais de poesia e outros projectos culturais, sobretudo em instituições cabo-verdianas. Autora de vários prefácios e resenhas públicas de livros. Vencedora do prémio “Melhor Poeta do Ano de 2018”, pela Editora ZL, do Brasil, é autora de três livros publicados pela Universitária Editora: *Uma Borboleta na Cidade* (2000) - ficção; *Noite Andarilha* (1999) – poesia; *Os Enteados de Deus* (1990) – ficção, Prémio Revelação de Ficção da Cidade do Montijo e da APE; do livro de poesia *Sou Mercúrio, Já Fui Água*, com reedição de *Noite Andarilha*, pela Alfabeta Editora (2012) e do livro *Conjugação de Mapas* – poesia, pela Editorial Novembro (2020). É membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Luso-angolana participou na primeira Reunião Multipartidária de Angola, em 1992.

HAVERÁ PONTE PARA PASÁRGADA?

(A José Luís Hopffer Almada)

Onde fica Pasárgada?

Diz-me tu
Poeta do tempo revisitado no
gume diário do
retour au pays natal naquela
densa noite branca do
exílio
vagarosa noite
tropeçando
no murrão espectral de cada cigarro
no travo amargo do café predilecto
no grito mudo da urbe
em sua própria alma sibilando último
cântico de
liberdade.

É longo o caminho para Pasárgada?

Diz-me tu
companheiro do afrontamento e da
perplexidade
emboscado na voz cava do
poema
inacabado e no breu que resfolga e se

alonga em
cada rota suicida da
cidade.

Haverá ponte para Pasárgada?

Diz-me tu
criatura sobrevivente a todos os
naufrágios da lembrança
que danças ao ritmo da alma do mundo
como um nómada se desnuda
ante as ardências do
deserto.

Diz-me tu
diz-me
se avistaremos o farol sobre a cegueira
sobre o silêncio mineral destas noites sem lua
estremecidas noites de saudade de morte e de
delírio
expectantes
teimando na margem fulgurosa do basalto
inatingível e tão
perto!

TUA VOZ

(A Carlota de Barros)

Tua voz
Alma das Ilhas
que corre em silêncio
quando a noite acolhe a ternura da água
no sonho sonhado
do vento suão da pedra nua do
destino escorrendo no sobrado nos cutelos
nas pracetas nos becos escuros da
terra afogada em
maresia.

Voz dos
sinais antigos na
dolência dos dias
tua voz
ó Luna
eco do desassossego ilhéu
raiz da luz que o vulcão prende em
seu ventre de fogo
saudade da utopia em cada verso
alarme ou
profecia.

São búzios
são estrelas

são a lonjura do mar
são flor na montanha
de lava, teus olhos
dois fios de luar.

São ribeiras
são dança
são morna a mornar
são aves no azul

dos céus, teus olhos
dois fios de luar.

Tua voz
poeta da alegria e da tormenta de
amar
livre e adjacente ao tempo
amotinado
destemido canto
na cidade adormecida sobre o
Fado de outras eras
coroando lenta e agónica
madrugada.

Flor do desejo
tua voz
feiticeira de cor morena
ávida de vida
da doçura de um beijo à esquina da
Primavera
quando Abril semeia cravos
no cano de uma
espingarda.

São acácias
são chuva
são serenata no ar
são murmúrio de
amores-perfeitos, teus olhos
dois fios de luar.

São mel
são sal
são contos de contar
são areal dourado
na baía, teus olhos
dois fios de luar.





Sara Antónia Jona Laisse

É doutorada em Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa; docente na Universidade Politécnica. É autora das obras *Entre Margens: diálogo intercultural e outros textos*; *Letras e Palavras: convivência entre culturas na literatura moçambicana* e *Entre o Indico e o Atlântico: ensaios sobre literatura e outros textos*; de manuais de ensino; de artigos publicados em jornais e revistas moçambicanas e estrangeiras. É coautora dos livros: *Cultura e Identidade Organizacional: um diferencial para a competitividade das empresas moçambicanas*; *Seis reflexões sobre o cânone literário moçambicano*; *Dicionário Português-Bitonga-Português, com compêndio gramatical*. É investigadora associada ao Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa (CHAM), Universidade Nova de Lisboa; ao Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (CEsA/CSG/ISEG-ULisboa) e ao Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades)/Universidade Federal da Paraíba. Dinamiza, há quatro anos, um evento académico denominado “Tertúlias Itinerantes”, que debate a interculturalidade no espaço da língua portuguesa. Mantém há 20 anos um outro programa de incentivo ao gosto pela literatura designado “Tertúlias de Sábado”.

LIGOSI: I AM (MUNTHU) BECAUSE I BELIEVE (DEUS) AND I LOVE (COMUNIDADE)*

“Gratidão por ser contemporâneo destes tempos em que a esperança sobrevive na lonjura dos caminhos”. Armando Artur, escritor moçambicano.

Celebro os anciãos, ou “velhos”, tal como são chamados na minha terra, lembrando o prestigioso lugar que lhes tem sido dado. Grande parte deles, têm sido o exemplo do conhecimento transmitido nas famílias, nomeadamente, porque: sabem escutar; sabem como dirigir uma prece a Deus; sabem como dirigir diferentes cerimónias da vida das pessoas – do nascer, até o morrer, a saber: o nascimento, o baptismo, o casamento e a morte em si; são experientes na execução ou a dar andamento ao dia-a-dia da vida na comunidade. Para nós, quem tem um(a) avô(ó) tem tudo, porque tem automaticamente quem o encaminhe em todas as esferas da sua vida social.

Não é por mero acaso que, na cultura bitonga (vatonga) lhes é dedicado o ligoci, um ritual de agradecimento pela sua existência. É uma cerimónia da qual participam avós e netos. Inicia-se através de um anúncio que é enviado aos avós maternos, a informá-los sobre a data do evento a que se chama *guya ningheya ligoci*, ie, ir entregar o ligoci, que consiste na oferta de prendas, em agradecimento ao facto de os avós terem concebido a sua mãe e esta, por sua vez, tê-los dado à luz e criado.

Nesse ritual, os avós recebem os seus netos com cânticos e uma grande festa na qual são partilhadas iguarias da terra entre todos. É um dia de muita alegria, porque, para além de gratidão, em alguns casos, é ansiosamente esperado, porque os netos só o realizam, depois de poderem gerar as suas próprias rendas. Devo destacar que, não existindo os avós, as prendas são entregues aos irmãos da mãe. A celebração não deixa de existir, por morte dos avós. É realizada em sua honra e em sua memória.

Tudo o que acabei de mencionar funciona de modo linear no campo, onde as comunidades ainda conservam, com muita facilidade, os valores tradicionais. Nas cidades, estas práticas vão acontecendo cada vez menos, dado o contacto com outro tipo de vivência; pelo que há algum relativismo que se deve ter em conta, quando se fazem generalizações. Mas devo alertar, no entanto, que jovens há que se têm tentado ocidentalizar, no entanto, quando algo corre mal, voltam atrás, para consultar os anciãos, porque sabem que têm alguma palavra a dizer que pode melhorar a situação. E isto acontece, precisamente, porque os africanos ainda são, na sua maioria, povos cuja religiosidade ocupa o centro das suas vidas. E quem tem a palavra no âmbito religioso são os avós, pela sua experiência e pelos exemplos de “proximidade à santidade” que são capazes de dar.

Vivemos tempos nos quais estes valores, em convivência com outros diferentes, criam alguma ambiguidade na nossa actuação diária. É por causa disso que os cientistas sociais têm alertado para a importância de se educar para o estímulo da convivência entre culturas, a interculturalidade, a partir da qual as pessoas troquem os seus valores culturais, sem que nenhum se sobreponha sobre o outro, a ponto de umas julgarem imprescindível adoptar a cultura do outro.

Ezio Lorenzo Bono é um cientista social, padre, docente e pesquisador, que viveu alguns anos na Maxixe, cidade da província de Inhambane, em Moçambique. Consta-me que há cerca de três anos, regressou à Itália, sua terra e que, há alguns meses, vivia em Bergamo. Conheci-o há cerca de cinco anos e, para mim, ele é um exemplo de interculturalidade “ao vivo”. Não passou os seus dias em vão, em Maxixe, leccionou, pesquisou e falava muito bem o gitonga, uma das línguas daquela província.

Nestes últimos tempos conturbados e de pouca esperança no que concerne ao intercâmbio de valores humanos, foi das pessoas/autores que mais me marcaram, mais recentemente, dada a actividade de fomento e de pesquisa sobre a interculturalidade na qual tenho estado envolvida há quatro anos. Conto a história em primeira pessoa, não por vaidade, mas para fazer crer nos valores de interculturalidade que pude aprender do padre Bono, por tê-lo visto nesse papel e por tê-lo lido como autor.

E foi com fundamento nos seus ensinamentos que este texto incidiu sobre a importância que tem a entidade avô/avó, na cultura gitonga, em particular, e na africana, no geral. Bono teve consciência de que os anciãos são uma instituição. E, ao escrever a sua obra *Muntuísmo: a ideia de pessoa na filosofia africana contemporânea*, não os descuro.

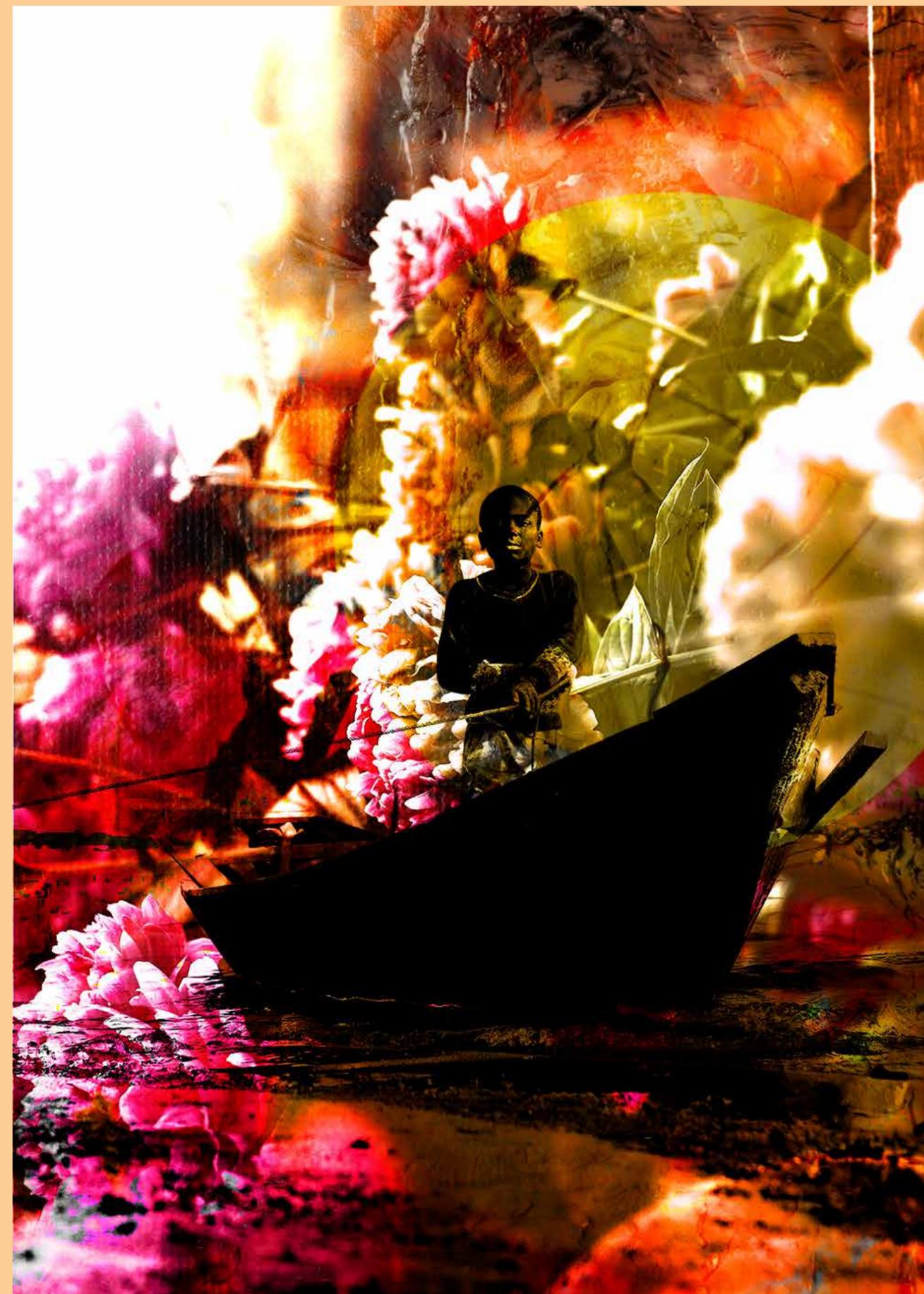
Para Bono a cultura africana é personalista, por assentar os seus fundamentos de vida na pessoa, na comunidade e em Deus. O indivíduo não existe como uma personalidade virada apenas para si. Ele vive em extrema correlação e em partilha com a sua comunidade e todos eles tementes a Deus. São pilares que, segundo ele, já desmoronaram no ocidente; dado que a contemporaneidade valoriza o individualismo, sem a dimensão transcendental e a comunidade tornou-se um lugar para a reivindicação de direitos individuais.

Muntuísmo é um neologismo criado pelo autor que temos vindo a referir e tem origem na palavra *muntu* (pessoa) e, segundo o que se pode apreender pela obra, significa a construção de valores humanos, a partir do relacionamento entre eles. Para escrever a obra de que venho a falar, o autor realizou um trabalho de cariz etnográfico, mas é importante destacar o lugar de relevo no qual ele colocou os anciãos. E um aspecto digno de realce nessa obra é o facto de que, na contracapa, o autor ter feito questão de escrever: “Os velhos da terra de Sewe (Inhambane, Moçambique) contam que, a 10 de Janeiro de 1498, o famoso navegador português Vasco da Gama, a caminho das Índias, chegou com as embarcações à baía de Inhambane. Era um dia muito chuvoso [...]”.

Essa frase marca um distintivo da cultura oral, sobretudo, demonstra o respeito que o pesquisador julgou fundamental e constatou ser a condição primária para o bom decurso da sua investigação: falar com os velhos. Além disso, o autor abordou o essencial da filosofia africana sobre o ser pessoa, ou seja, o ser *muntu*, que ontologicamente se sintetiza em “eu sou, porque tu és”, ou seja “I am, because you are”.

Independentemente do nosso estatuto social ou habilitações literárias, nós consideramos os velhos as nossas bibliotecas. É por isso que, no âmbito do ensino sobre “os saberes locais”, no programa curricular das escolas públicas moçambicanas, eles têm uma palavra a dizer. Eles têm sido consultados. É um dever falar com eles sobre essa matéria.

Nós somos, porque acreditamos em Deus e respeitamos a nossa colectividade, parafraseando o padre Bono, na sua obra *Muntuísmo: a ideia de pessoa na filosofia africana contemporânea*: I am (*muntu*) because I believe (Deus) and I love (Comunidade).





Sónia Sultuane

Nasceu em Maputo, em 4 de Março de 1971. É uma artista multifacetada: poeta, artista plástica e curadora. Trabalha como gestora de Comunicação e Imagem numa firma de Advogados. É membro da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) e mantém colaboração dispersa na imprensa. A poesia de Sónia Sultuane está patente em várias antologias. De destacar o seu projeto Walking Words 2008, inserido em diversas disciplinas artísticas. Foi distinguida como “Escritora do ano 2014” pelo seu papel social na valorização das mulheres, no Festival Internacional de Poesia Mujeres Poetas Internacional, organizado pelo Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora. Muito recentemente, Sónia Sultuane foi agraciada com o Prémio Femina 2017 – Mérito nas Letras: Literatura – Poesia, galardão que irá receber em Novembro em Portugal. Em 2019 foi homenageada no Congresso da Afrolic, pela divulgação da sua obra no Brasil. Obras publicadas: 2001 – Sonhos. Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos; 2006 – Imaginar o poetizado. Moçambique: Ndjira; 2009 – No colo da lua. Moçambique: Do Autor; 2014 – A lua de N’weti. Portugal: Santo Tirso: Editorial Novembro; Roda das encarnações. Moçambique: Fundação Fernando Leite Couto; 2017 – Roda das encarnações. Brasil: Editora Kapulana; 2017 – Celeste, a boneca com olhos cor de esperança. Portugal: Santo Tirso: Editorial Novembro.

AFRICANA

Dizes que me querias sentir africana,
 Dizes e pensas que não o sou,
 Só porque não uso capulana,
 Porque não falo changana,
 Porque não uso missiri nem missangas,
 Deixa--me rir...
 Mas quem é que te disse?!
 Só porque ando de “Levis, Gucci ou Diesel”,
 Não o sou... Será?
 Será que o meu sentir passa pela indumentária?
 Ou que o serei
 Pelo sangue que me corre nas veias,
 Negro, árabe, indiano,
 Essa mistura exótica,
 Que me faz filha de um continente em tantos
 Onde todos se misturam,
 E que me trazem esta profundidade,
 Mais forte que a indumentária ou a fala,
 E sabes porquê?
 Porque visto, falo, respiro, sinto e cheiro a África,
 Afinal o que é que tu saberás? O que é que tu sabes?
 Deixa--me rir...
 Deixa--me rir...



EM FORMA DE GENTE

(À Florbela Espanca)

Em forma de gente que sente
 Perguntaram-me se ainda escrevo poesia
 Se ainda sinto a brisa das palavras
 Os longos vazios decadentes
 Se ainda sinto as noites gélidas
 E as tempestades nos lençóis brancos
 Onde se deita a solidão e a escrupulosa consciência
 Perguntaram-me se ainda me rio ao sabor do vento
 Das tardes quentes e húmidas
 Se ainda olho feliz o pôr-do-sol
 E esboço prosas cheias de palavras e finais contentes.
 Sim,
 Ainda escrevo poesia
 E sou poesia que sente
 E que tem nos lábios agarradas todas
 As sílabas e as vírgulas numa fé permanente.



Tony Tcheka (pseudónimo do guineense, António Soares Lopes Júnior)

É escritor, poeta, jornalista e analista político e social, é uma das referências na literatura e jornalismo da Guiné-Bissau. Das obras publicadas destacam-se: “Noites de Insónia na Terra Adormecida”, “Desesperança no Chão de Medo e Dor”, e “Guiné: Sabura Que Dói”... No ano findo, (2020) saiu a lume, “GUIN-EA”, editada pela alemã Hochroth Verlag, em Berlim/Alemanha, um livro trilingue, Kriol, português e alemão, e “Quando Cravos Vermelhos Cruzaram o Geba” contos romanceados apresentado em Lisboa pela Editorial Novembro. O autor integra todas as antologias publicadas no seu país e foi coordenador de três outras, de cariz temático. Integrou a “Anthologie d’Afrique de l’Ouest”, publicada pela Agence de Coopération Culturelle et Technique-Paris. Este ano foi distinguido com o Premio Literário “Guerra Junqueiro-Lusofonia 2020” pelo Founder Grupo de Comunicação Novembro que se junta a várias outras honorarias, como “Diploma de Mérito com Estatueta”, pela Universidade de Ciências Educativas- “ISCE”, “Diploma de Mérito Grau de Engenheiro de Almas” e o “Prémio da Lusofonia”. Foi um dos fundadores da Associação de Escritores da Guiné-Bissau (AEGUI), sendo seu atual Presidente.

DIASPORANDO

Alados
chegamos
africanamente

Filhos e netos
da mama calma
e do papa sossego
engordamos a paciência
para armazenar o desconforto

silenciosamente mutámos
para ficar sem estar

Mas ainda nos querem
grãos de gente apeada
da vida
- os negados do bem-estar

ilegitimados da sorte
Engravidamos em relações de ódio
sublimamos partos adiados
aprendemos a falar de boca fechada
e a saborear a saliva amarga da desgraça

ao sol
à chuva
dia
e noite
corpos ébanos
suados
lágrimas
destilando
medos
de sonhos
desasados

erramos
sem porto
no desconforto
desesperado
da diáspora.

HOMEM-GUINÉ

Querem plantar o silêncio
na tua boca de fome
querem minguar a bolanha
para secar teu corpo-cativo

querem semear o ódio
nas tuas mãos-kebur

querem impor-te
boka yam
de falar calado
não porfiar
e aceitar a convivência
da indiferença

querem
que
não
queiras
querer

mas homem-guiné
és filho do macaréu
corre-te Pindjiguiti
nas veias
fazes preces
no altar do poilão
serenas o cansaço
no cume dos palmares
vences a fome
na curvatura do silêncio

homem-guiné
nega
ser melechu da corte
cresce
na onda
do macaréu
faz-te baga-baga!

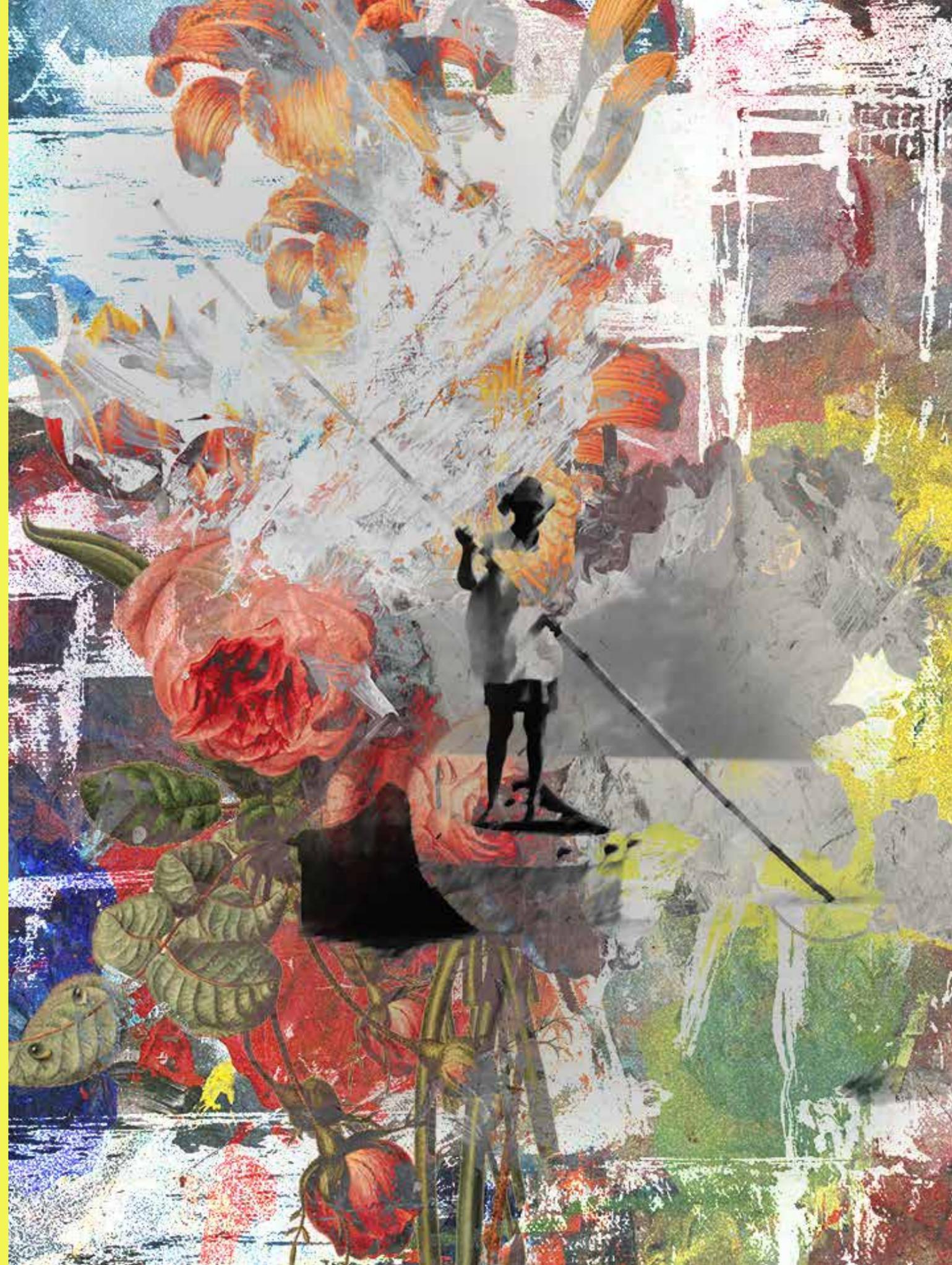
TETO DO SILÊNCIO

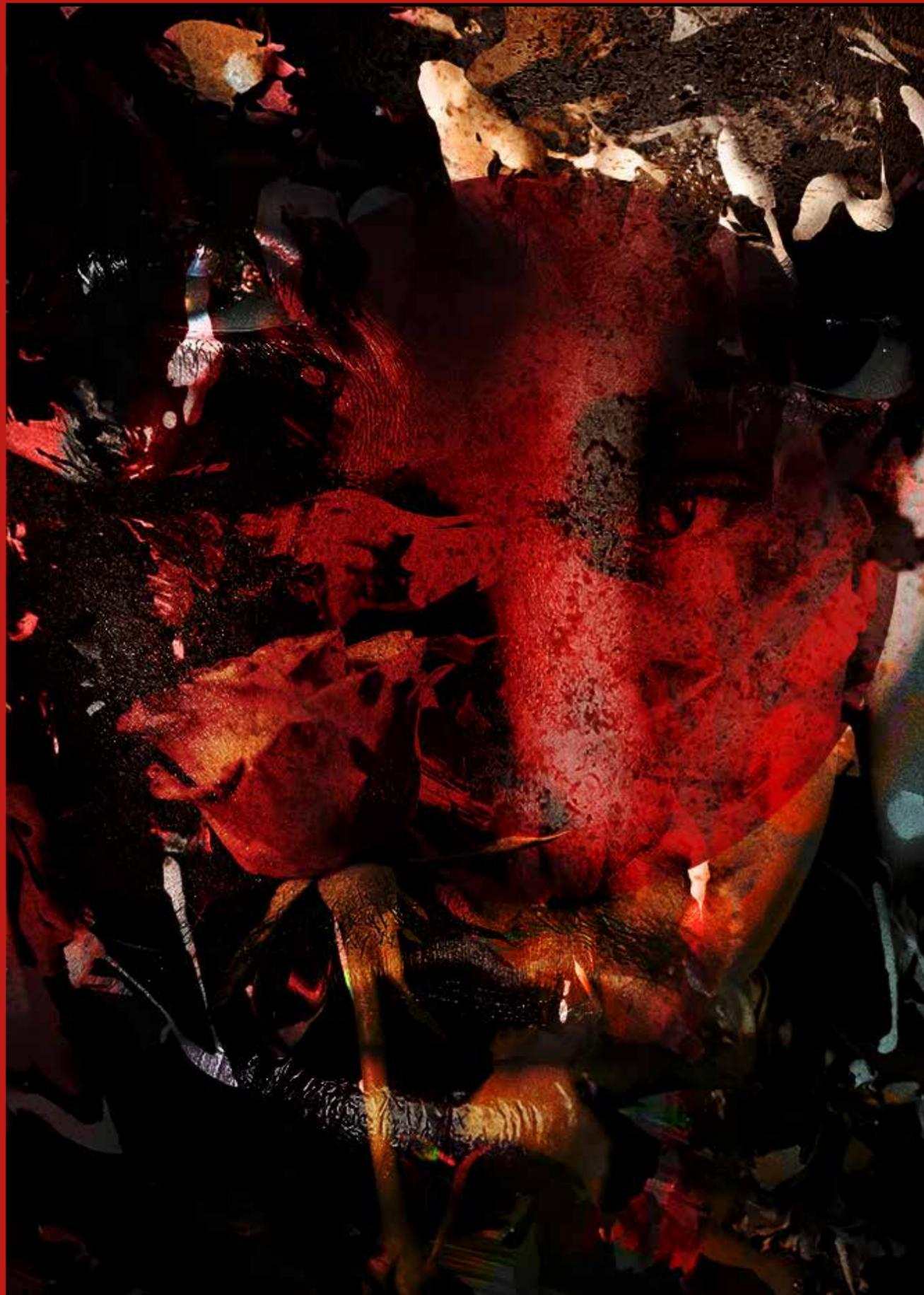
Ergo a minha voz
e firo o teto do silêncio
nego a morte de crianças
porque há mingua de medicamentos

Na angústia
liberto o verbo
mordo o pólen da desgraça
que grassa
nesta África desventurada
em obra e graça
subdesenvolvendo-se

Coloco andaimes
nos alicerces do tempo
perscruto os ventos
circunciso as ondas
do mar que não navega
nego a convivência da paciência
que amordaça a fala
e cala o sentimento

Exorcizo o paludismo
apeio a poliomielite
amputo a desgraça
encho a taça de ternura
e fica a graça da criança
florescendo a vida.





Vera Duarte Lobo de Pina

É Desembargadora, poeta e escritora, formada em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa. Membro das Academias Caboverdiana de Letras, de Ciências de Lisboa, Gloriense de Letras. É investigadora correspondente do Centro de Humanidades/CHAM da Universidade Nova de Lisboa. Foi Ministra de Educação Ensino Superior, Presidente Comissão Nacional Direitos Humanos e Cidadania, Conselheira do Presidente da República e Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça. Publicou *Amanha Amadrugada* (1993), *O Arquipélago da Paixão* (poesia, 2001); *A Candidata* (Ficção, 2004); *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (poesia, 2005); *Construindo a Utopia* (Ensaio, 2007); *Ejercicios poéticos* (poemas em Espanhol e Francês, 2010); *A Palavra e os Dias* (Crónicas, 2013); *A Matriarca – uma estória de mestiçagens* (Romance 2017); *De Risos & Lágrimas* (Poesia, 2018) e *a Reinvenção do mar* (Antologia poética 2018), *Cabo Verde um roteiro sentimental viajando pelas ilhas da sodad do sol e da morabeza* (prosa, 2019), *Naranjas en El Mar* (poesia, 2020), *Contos Crepusculares - metamorfoses* (prosa 2020).

UMA VIAGEM TORMENTOSA

Nasci no tempo das mangas. Ou seria das maçãs? Este hibridismo projetou-se profundamente no meu ser e acabei por não saber se sou flor ou fruta, África ou Europa, preta ou branca, sol ou lua, emoção ou razão...

Num dia enublado de outubro, levantei-me particularmente perplexa e angustiada e decidi fazer uma viagem ao passado para ver se conseguia desfazer o nó górdio que me martirizava.

Dirigi-me à Estação Rosa e peguei o túnel Azul Anil.

Em pouco tempo encontrava-me às margens do Nilo, na região da Núbia, e integrava uma tribo nómada, que partia rumo ao continente europeu. Já tinha lido no brilhante historiador senegalês Cheikh Anta Diop que esta primeira leva de africanos a diasporizar-se pelo mundo deixara o continente há mais de cem mil anos...

Era demais.

Regressei ao túnel do tempo e avancei um pouco mais.

Dei comigo num navio negreiro, junto a inúmeros africanos acorrentados, atravessando o Atlântico. Lembrei-me então de ter lido um poema tristíssimo do grande poeta brasileiro Castro Alves, intitulado Navio Nегreiro que denunciava os horrores da escravidão e que esse trânsito vinha desde o século quinze.

Também era demais.

Regressei ao túnel e avancei um pouco mais.

Aí encontrei um mundo de iniquidades onde pontuavam corruptos, racistas, fundamentalistas e ditadores. Todos usavam máscaras no rosto. Logo veio-me à memória a famosa pandemia da covid 19 que assolou o mundo, no ano de 2020 e tinha dizimado parte da humanidade.

Entrei dentão no túnel Verde Esperança e avancei para o futuro.

Maravilhada cheguei a Shangri Lá, a Canaã, ao Jardim do Éden. Encontrei gente simples, de todas as cores, de variadas posses e crenças as mais diversas, mas vivendo em harmonia e fraternidade e pertencendo todos a uma só raça: a raça humana.

Estava tudo explicado. Não havia "ou". Havia apenas "e". Eu era tudo e era uma, pois éramos todos diferentes e todos iguais. Tudo junto e miscigenado.

Atônita perguntei a um transeunte qualquer como tinham chegado a tal estádio de harmonização na sociedade e ele respondeu-me, algo espantado:

- Então não sabe que desde que inventaram a máquina da verdade que todos os candidatos a qualquer posto são obrigatoriamente a ela submetidos e todos os que forem reconhecidos como vendilhões do templo, corruptos, racistas, fundamentalistas, ditadores, são automaticamente excluídos? Assim qualquer órgão de governação e qualquer lugar de decisão em todo planeta só pode ser integrado por homens e mulheres íntegros compassivos e dialogantes, que pensam e trabalham em prol do bem comum e não para o seu interesse pessoal ou dos seus familiares e amigos.

- E como funciona essa máquina da verdade?

- É simples, quando alguém se candidata ou é indicado para algum cargo de governação ou direção, antes de se submeter à eleição ou aceitar a indicação é sujeito a um exame na máquina da verdade, onde se infere do seu caráter e da verdadeira nobreza de suas intenções. Se der positivo, sinal verde segue adiante. Se der negativo, sinal vermelho fica inibido. Isto tem permitido o mundo libertar-se da horda de criminosos de colarinho branco que há séculos vinha conspurcando a convivência humana.

Fascinada e embevecida, quis ficar nesse futuro que era o meu. Mas era impossível. Eu tinha de regressar ao meu tempo real impreterivelmente, em vinte e quatro horas, senão desintegraria. Essa fora a medida de que os cientistas que tinham inventado a máquina da verdade fizeram acompanhar a sua invenção, para evitar que o mundo se embaralhasse. Assim, qualquer cidadão de qualquer país de reconhecida probidade tinha possibilidade de, durante a sua vida, fazer uma viagem através do túnel do tempo. Mas esta só poderia durar vinte e quatro horas pois ultrapassado tal período, ocorreria a desintegração do seu corpo físico. Era assim imperioso o meu regresso.

Voltei aos anos cinquenta, do século vinte e um, completamente apaziguados comigo mesma. E fui reler, sofregamente, o fantástico romance A tenda dos Milagres, de Jorge Amado, o mais renomado escritor brasileiro para confirmar a premonição, que anos antes nele encontrara de uma sociedade justa e mestiça.





Vimala Devi (n. 1932)

É o pseudónimo de Teresa da Piedade Baptista Almeida. Nascida na aldeia de Britona, na então Índia Portuguesa, Devi mudou-se para a Europa em 1957, onde encetou uma vida literária rica e multifacetada entre poesia, contos, crítica e tradução. Destacam-se entre a sua produção criativa as duas primeiras obras dedicadas à sua terra natal: o livro de poesia *Súria* (1962) e o ciclo de contos *Monção* (1963), que inclui 'Fidelidade'.

FIDELIDADE

– Porque não ficarmos aqui esta noite? – perguntou a Luísa, logo que acabou de retocar o batom. – Podíamos mandar vir qualquer coisa para comer...

Chandracanta não respondeu. Estava junto da janela, a olhar lá fora, através da cortina, os paralelepípedos da rua.

– Não me está nada a apetecer voltar para a pensão – continuou ela. – Com este frio, é triste dormir só, não achas?

Ele continuou a olhar a chuva miúda que caía, quase imperceptível. As pessoas passavam, apressadas, de golas levantadas, silenciosas.

– Chandra! – exclamou ela, virando-se. Não me ouves?

O rapaz estremeceu, como se acordasse de um sonho, mas ainda não respondeu. Continuava parado ao pé dos vidros. Luísa atravessou o quarto descalça e abraçou-o pelas costas.

– Chandra – murmurou. – Já te disse que o teu nome me faz lembrar a fala de uma criança? Chandra! Vês? Nunca tinhas reparado?

Chandracanta sorriu e agarrou-lhe os braços, virando-se. Mas a Luísa não gostou da sua expressão. Tinha um ar triste e pesado, como se estivesse muito longe.

– Lembras-te do nosso primeiro encontro, Chandra? – perguntou.

Ele franziu a testa e levantou a cabeça, estranhado.

– O nosso primeiro encontro? – repetiu.

– Sim. Não te lembras? E claro que já nos tínhamos visto antes lá na Escola, mas aquela vez foi o nosso primeiro encontro, encontro. Lembras-te?

Chandracanta esboçou um sorriso leve.

– Na aula...

Ela deu uma gargalhada:

– Isso mesmo. Na aula de Anatomia. Falámos da tua terra e contaste-me aquela anedota...

– Que anedota? – quis saber ele.

– Como és esquecido! Que em Goa estudam anatomia em bonecos porque os estudantes se recusam a cortar cadáveres. Que engraçado! O que te havia de vir à ideia!

Chandracanta largou-a bruscamente e deu dois passos no quarto. Ficou de pé, junto da cama, de mão nos bolsos, pensativo. Depois, sentou-se. Ela ficou à sua frente, sorrindo.

– É verdade – disse ele. – Nós, os orientais, temos um conceito muito elevado do homem para ousarmos tocar em cadáveres.

Ela soltou uma risada.

– Não me digas que é a sério! – exclamou.

Chandracata suspirou.

– Há muitas coisas que não podes entender. Não tocamos em cadáveres, não comemos carne...

– As vacas sagradas! Sempre é verdade que vocês adoram as vacas?

– Em certo sentido.

Luísa foi sentar-se ao seu lado, na beira da cama. Ficou um momento calada, a olhar para ele. Depois, sem uma palavra, levantou a saia e começou a esticar as meias.

– Fala-me da tua mulher – disse, daí a pouco. – Dizes que tem catorze anos? Que engraçado! Quer dizer que vocês casaram e não... Como se chama ela?

– Dhruva – murmurou Chandracanta. – Dhruva!

– Dhruva – repetiu ela. – É um nome esquisito. Parece um barulho feito com a boca. Mas não me desagrada. Dhruva. Dhruva. Dhruva... Com o tempo, acabamos por encontrar-lhe uma certa beleza. Mas catorze anos! Claro que vocês não...

Chandracanta teve um sorriso contrariado.

Luísa continuou a falar:

– Catorze anos, meu Deus! Não há direito. Não passa de uma criança! Que sabe uma rapariga aos catorze anos?

– Sabe uma coisa pelo menos – murmurou Chandracanta.

– Uma coisa?

– Continuar.

– Continuar? – perguntou ela, franzindo a testa e fitando-o nos olhos.

– Há muitas coisas que tu não podes compreender – disse o rapaz.

Ela estendeu uma perna, esticando bem a meia e largou a falar:

– Mas, catorze anos! Claro, não admira que andes por aí... Um casamento desses não tem razão de ser. Nem sequer tiveram noite de núpcias. Non consummatus. É sumário, sem complicações. Depois podemos tirar Medicina Tropical e irmos para África. Não gostavas? Os dois fazíamos bom dinheiro. Chandra! Chandra!

Mas Chandracanta estava de olhos cravados nas cortinas e longe, muito longe dali. Revia a figura alvíssima do boto, os nós sagrados do tali, que as suas mãos trémulas tinham atado, as invocações dos pares divinos, Xiva e Parvati, Brahma e Sarasvati, Vixnu e Lacximi para que distinguíssem os recém-casados com os seus favores. Tornou a ver a figura infantil de Dhruva, a esposa-criança: “Chand, que tens? Chand? Sempre partes?” E a mãe a pintar-lhe o cucume na testa, que a amarraria para sempre àquela família e que só lhe permitiria ser bodki...

– Chandra!

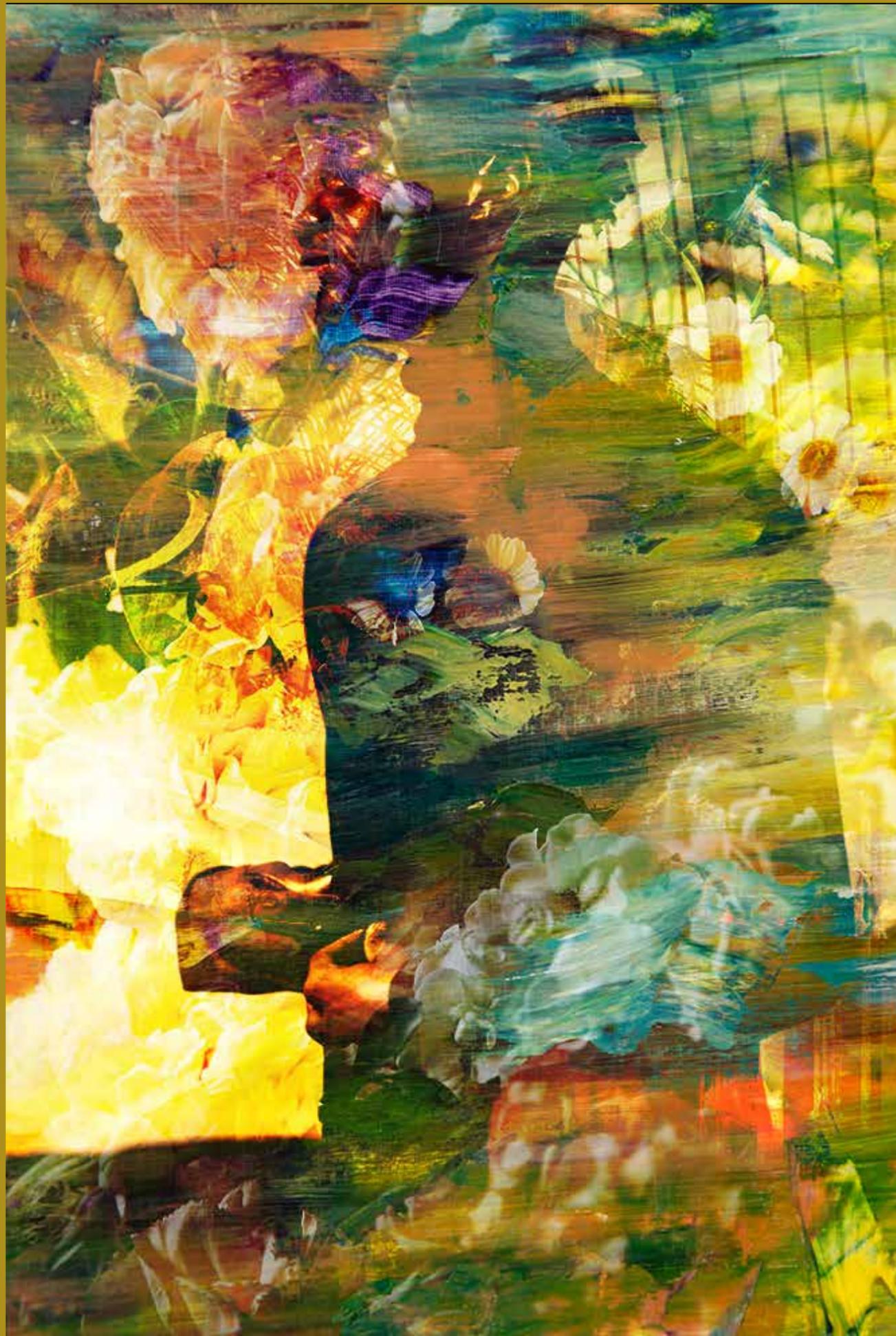
A voz de Luísa despertou-o de novo, com uma sacudidela brusca. Fitou-a com decisão.

– Não achas, Chandra? Ouves, Chandra? Iremos para África, Chandra? Quando conseguires o divórcio, Chandra?

Chandracanta manteve os olhos nos dela.

– Há muitas coisas que não podes compreender, Luísa – repetiu. – Muitas coisas... Somos assim, no Oriente. Sabes, entre nós, o homem pode trair, o marido é sempre fiel...





Yao Feng (pseudónimo de Yao Jingming)

Nasceu em Pequim e foi doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Fudan. Assumiu o cargo de Vice-presidente do Instituto Cultural de Macau entre 2012-2014 e atualmente é professor catedrático na Universidade de Macau. Dedicou-se à tradução literária, escreve crónicas, faz crítica literária e já publicou, em chinês e em português, doze obras de poesia e de crónica, nos quais se destacam *Nas Asas do Vento Cego* (1990), *A Noite Deita-se Comigo* (2001), *Canto para Longe* (2006), *Poemas Escolhidos de Yao Feng, 2002-2008* (2008), *Palavras Cansadas da Gramática* (2015). Como investigador da literatura portuguesa, publicou a obra *Historia de Intercâmbio Literário entre a China e Portugal* (2015). Na China e em Macau recebeu o *Prémio de Poesia Rougang*, o *Prémio de Poesia Changyao*, *Prémio da Literatura de Macau* entre outros. Em 2006 recebeu a medalha da *Ordem Militar de Santiago de Espada*, atribuída pelo Estado português. Atualmente é coordenador dos projetos de tradução *Coleção de Autores Portugueses* e *Coleção de Autores Chineses* bem como investigador de um projeto de pesquisa sobre a identidade da nação portuguesa.

O CORPO

A madrugada acordou e levantou-se. Um corpo viu o outro corpo e ambos querem continuar a estudar um com o outro, sem ligar às coisas do mundo. Um corpo só se sente realmente como o corpo ao colo de outro corpo.

O corpo não pensa, mas sente. O sentir é uma verdade mais verdadeira do que o pensar. O corpo sofre por nós. O corpo dói por nós. O corpo ri por nós. O corpo chora por nós. O corpo ama por nós. O corpo odeia por nós. O corpo fala por nós. O corpo luta por nós. O corpo nasce por nós. O corpo morre por nós. Mas nós, não somos o rei do corpo.

A revolução também começa pelo corpo, para a sua libertação ou destruição.

Um corpo é uma piscina e os dois corpos que se juntam são um mar.

Em qualquer corpo houve naufrágio.

O corpo é sempre o cúmplice daquilo que sentimos no fundo do sangue e que trancamos como segredo indizível.

A maior beleza é um corpo perfeito e o maior antónimo da beleza também é um corpo.

Um eunuco não tem o corpo. Ele é apenas uma sombra de pénis.

De quantas gerações é que nasce um corpo perfeito? Nem Deus é que sabe.

A paixão é a princesa do corpo.

O corpo é um caminho que nos conduz para o além do corpo.

Voltarmos com um coração cansado para o corpo é como regressarmos a casa.



PIÉ

REVISTA LITERÁRIA